

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE CIÊNCIAS POLÍTICAS E JURÍDICAS – CCJP

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

LAÍS MASCARENHAS SORIANO

**O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NA VIDA DE
MICROEMPREENDEDORAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

RIO DE JANEIRO

2021

LAÍS MASCARENHAS SORIANO

**O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NA VIDA DE
MICROEMPREENDEDORAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Monografia apresentado à Escola de Administração Pública da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), para a obtenção do grau de Bacharel em Administração Pública.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Szuchmacher Verissimo Lopes

RIO DE JANEIRO

2021

LAÍS MASCARENHAS SORIANO

**O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NA VIDA DE
MICROEMPREENDEDORAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Monografia apresentado à Escola de
Administração Pública da Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO),
para a obtenção do grau de Bacharel em
Administração Pública.

Aprovado em DD/MM/YYYY

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Ana Luiza Szuchmacher Verissimo Lopes (orientadora)

Prof.^a. M.Sc. Júlio César Silva Macedo (membro interno)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a. Dr.^a. Marina Dias de Faria (membro interno)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, que sempre esteve comigo e sempre acreditou em mim, até quando eu mesma não acreditava. Às minhas tias, pela ternura e zelo que sempre demonstraram a mim. E ao Caio, por não ter soltado minha mão e por ter me ensinado na prática o que é companheirismo.

Agradeço também à Ana Luiza, que tão pacientemente me guiou através dos percalços desse trabalho. E aos professores e funcionários da UNIRIO que compartilharam comigo seus ensinamentos e permitiram que eu chegasse até aqui.

Sem vocês isso não teria sido possível.

EPÍGRAFE

“If you want to improve your world, then focus your attention on helping others.”

John C. Maxwell

RESUMO

O objetivo do presente estudo foi descrever os efeitos da pandemia de Covid-19 na vida de microempreendedoras do Estado do Rio de Janeiro. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema empreendedorismo feminino e economia durante a pandemia de coronavírus. Em seguida foram realizadas entrevistas com micro e pequenas empreendedoras do Rio de Janeiro. Através da análise dos dados resultantes da pesquisa e entrevistas foi possível concluir que as mulheres tiveram uma queda significativa na renda, algumas paralisaram suas atividades e contaram com o apoio de amigos, familiares, do governo e de instituições sem fins lucrativos para sobreviverem à pandemia e continuar com as suas operações.

Palavras-chave: economia; empreendedorismo; mulheres; COVID-19.

ABSTRACT

The aim of this study was to describe the effects of COVID-19 pandemic in the life of small female entrepreneurs of Rio de Janeiro state. To achieve that, a bibliographic research about the theme female entrepreneurs and economics during the coronavirus pandemic was performed. Following that, interviews were made with micro and small female entrepreneurs from Rio de Janeiro. The conclusions of this study after the analysis of the interviews and data were that the female entrepreneurs had a severe impact in their income, and some of them had to stop their activities and relied on friends, family, government and non-profit institutions to be able to come out of the pandemic and continue their operations.

Keywords: economics; entrepreneurship; women; COVID-19.

LISTA DE TABELAS

<u>Tabela 1 - Maiores economias e COVID-19 (29 de fevereiro de 2020)</u>	10
<u>Tabela 2 - Perfil das Empreendedoras Entrevistadas</u>	31

SUMÁRIO

<u>1</u>	<u>INTRODUÇÃO</u>	10
1.1	<u>CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA</u>	10
1.2	<u>RELEVÂNCIA E JUSTIFICATIVA DA PESQUISA</u>	11
1.3	<u>DELIMITAÇÃO DA PESQUISA</u>	12
1.4	<u>OBJETIVO</u>	12
1.5	<u>ESTRUTURA DO TRABALHO</u>	13
<u>2</u>	<u>REVISÃO DE LITERATURA</u>	14
2.1	<u>COMO A CRISE DE COVID-19 AFETOU TRABALHADORES E EMPREENDEDORES</u>	14
2.2	<u>MUNDO DO TRABALHO E EMPREGO NA PANDEMIA DE COVID-19</u>	17
2.3	<u>MICROEMPREENDEDORES E INFORMAIS NA CRISE DE COVID-19</u>	20
2.4	<u>EMPREENDEDORISMO FEMININO NA PANDEMIA DE COVID-19</u>	24
<u>3</u>	<u>METODOLOGIA</u>	28
3.1	<u>COLETA DE DADOS</u>	29
3.2	<u>PERFIL DAS PARTICIPANTES</u>	30
3.3	<u>ANÁLISE DOS DADOS</u>	31
3.4	<u>LIMITAÇÃO DO MÉTODO</u>	32
<u>4</u>	<u>ANÁLISE DE DADOS</u>	34
4.1	<u>A OPERAÇÃO DAS EMPREENDEDORAS DURANTE A PANDEMIA</u> ..	34
	4.1.1 <u>Paralisação das Operações</u>	34
	4.1.2 <u>Adaptações das Operações</u>	36
4.2	<u>FONTES DE RENDA DAS EMPREENDEDORAS DURANTE A PANDEMIA</u>	40
	4.2.1 <u>Rendimentos das Operações</u>	40
	4.2.2 <u>Assistência Governamental</u>	42
	4.2.3 <u>Programas de Assistência Não Governamentais</u>	43
	4.2.4 <u>Empréstimos</u>	46
	4.2.5 <u>Apoio Familiar e de Amigos</u>	48
<u>5</u>	<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	50
	<u>REFERÊNCIAS</u>	52

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Em dezembro de 2019, o mundo acompanhou através de veículos de notícias internacionais a descoberta de uma doença misteriosa, que causava grave acometimento respiratório nos doentes, na cidade de Wuhan, na China. No último dia de 2019, foi identificada a causa: um vírus da família coronavírus denominado nCoV-2019 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Esse vírus passou a ser comumente conhecido como “novo coronavírus” ou “covid-19”. No primeiro trimestre de 2020, o mundo observou com apreensão o desdobramento e repercussões do vírus, primeiramente na China e depois no resto do mundo.

Inicialmente, as perguntas sobre a natureza da doença eram as principais fontes de preocupação. Posteriormente, o mundo foi se dando conta dos efeitos colaterais da doença. As tentativas de conter a doença na China, maior importadora e exportadora do mundo, causaram grandes impactos na economia mundial. A Tabela 1 indica a relevância da China no cenário global.

Tabela 1 - Maiores economias e COVID-19 (29 de fevereiro de 2020)

	PIB	Manufatura	Exportação	Exportação de Manufatura	Casos de COVID-19
EUA	24%	16%	8%	8%	0,1%
China	16%	29%	13%	18%	85,2%
Japão	6%	8%	4%	5%	0,3%
Alemanha	5%	6%	8%	10%	0,2%
Reino Unido	3%	2%	2%	3%	0,1%
França	3%	2%	3%	4%	0,2%
Índia	3%	3%	2%	2%	0,0%
Itália	2%	2%	3%	3%	2,7%
Brasil	2%	1%	1%	1%	0,0%
Canadá	2%	0%	2%	2%	-
Somas	66%	69%	46%	56%	88,8%

Fonte: elaborado pela autora com base em Baldwin e Tomiura, (2020)

Além da China, conforme o vírus se espalhava, os impactos nos negócios foram sendo sentidos ao longo dos setores de manufatura e serviços pelo mundo. As principais economias globais foram atingidas pela pandemia de coronavírus (BALDWIN e TOMIURA, 2020).

No Brasil, no dia 26 de fevereiro de 2020, o primeiro caso de coronavírus foi confirmado. A primeira morte foi confirmada no dia 17 de março, em São Paulo. No dia 20 de

março, o Ministério da Saúde publicou portaria que confirmava a transmissão comunitário no país (AGÊNCIA BRASIL, 2021).

Ainda em março, no dia 16, foram anunciadas por Estados e Municípios brasileiros medidas de restrição de circulação para conter a disseminação do vírus (BARBOSA, 2020). Entretanto, apesar dos esforços dos países em conter a transmissão do vírus, o status da doença foi elevado para pandemia pela OMS em 11 de março de 2020 (ASCOM SE/UNA-SUS, 2020).

A pandemia de COVID-19 foi um evento atípico e mundial que afetou a economia mundial de modo nunca antes vivido por essa geração. A crise financeira foi provocada pela necessidade de distanciamento social, diferente de uma crise provocada por instituições financeiras, como a de 2008, que foi amenizada com aportes financeiros dos governos aos bancos (MELLO, MATOS DE OLIVEIRA, *et al.*, 2020).

Dessa forma, esse estudo procura descrever de que forma a crise financeira provocada por esse evento atípico e inédito afetou o mundo do trabalho, sob a ótica de um grupo de empreendedoras femininas do Estado do Rio de Janeiro. Buscaremos entender como a pandemia de coronavírus afetou as suas operações e renda, quais os principais desafios, as soluções encontradas e qual papel o governo desempenhou na assistência a essas mulheres.

1.2 RELEVÂNCIA E JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

A crise sanitária provocada pelo vírus de COVID-19 provocou governos do mundo inteiro a colocar ações em prática para evitar a sua disseminação. No Brasil, a partir da metade de março de 2020, foram impostas várias medidas para restringir a circulação de pessoas por Estados e municípios.

No Estado do Rio de Janeiro não foi diferente. Várias medidas restritivas foram colocadas em prática. Foram fechadas agências de serviço governamentais, edifícios comerciais, bares, restaurantes, espaços públicos e particulares de lazer, etc. Eventos presenciais de todos os tipos também foram proibidos (BARBOSA, 2020).

Dessa forma, podemos dizer que todos os setores da economia foram atingidos pelas repercussões da pandemia de COVID-19. A indústria precisou paralisar suas operações, o comércio também enfrentou grandes perdas e o setor dos serviços foi de longe o mais afetado ao longo de 2020, pois mesmo com o afrouxamento das restrições de circulação, por causa da sua dependência da presença de clientes, não pôde retomar as suas atividades normalmente (ALVARENGA, GERBELLI e MARTINS, 2020).

Os microempreendedores, que são parte importante da economia e do mundo do trabalho, foram severamente afetados pela pandemia de coronavírus. Em primeiro lugar, não costumam ter grande liquidez. Em segundo lugar, têm maiores dificuldades de obtenção de crédito para seus negócios. E em terceiro, baseiam as suas decisões e estratégias em experiências anteriores. Portanto, não é difícil imaginar que o seu desempenho e sobrevivência durante a crise estarão em risco (AMIN, 2020).

A pandemia de coronavírus é um evento contemporâneo ao desenvolvimento dos empreendimentos. A pandemia ainda estava em curso ao longo da realização desse trabalho. Ainda assim, foi levada em conta a importância de registro das experiências vividas por mulheres empreendedoras durante a pandemia de COVID-19 para consultas futuras, mesmo que o evento ainda estivesse em curso.

1.3 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

O estudo baseou-se na experiência de mulheres que chefiam pequenos empreendimentos no Estado do Rio de Janeiro durante a pandemia de coronavírus. O estudo levou em conta o período da pandemia entre março de 2020 e fevereiro de 2021.

A escolha de empreendedoras do Estado do Rio de Janeiro como sujeitos desse estudo foi feita pela conveniência e disponibilidade das entrevistas. A experiência da autora em atuação como voluntária em uma ONG trouxe o interesse pelo estudo e pesquisa da prática e vivência dessas mulheres durante a pandemia de coronavírus.

1.4 OBJETIVO

O objetivo do presente estudo foi descrever os efeitos da pandemia de Covid-19 na vida de microempreendedoras do Estado do Rio de Janeiro. Para isso foram definidos três objetivos específicos. O primeiro foi o de identificar quais foram as políticas públicas implementadas para mitigação dos danos relativos à pandemia na vida das pessoas (trabalhadores e microempreendedores). O segundo foi conhecer como a crise sanitária de Covid-19 afetou a vida de um grupo de microempreendedoras do Estado do Rio de Janeiro. O terceiro foi descobrir como as políticas públicas implementadas e demais iniciativas de apoio afetaram as microempreendedoras.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

Na primeira parte do trabalho foram apresentados a contextualização do tema, a relevância e justificativa, a sua delimitação e seus objetivos. No próximo capítulo será desenvolvida a revisão de literatura sobre os aspectos da economia mundial, economia

brasileira, mundo do trabalho e por fim o empreendedorismo feminino. Na terceira parte do trabalho será apresentada a metodologia do estudo, informações sobre a coleta de dados, o perfil das participantes, metodologia de análise e por último as limitações da pesquisa. Na quarta parte do trabalho será feita a análise dos dados da pesquisa. Na quinta e última parte serão feitas as considerações finais da presente pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 COMO A CRISE DE COVID-19 AFETOU TRABALHADORES E EMPREENDEDORES

Em dezembro de 2019 foram reportados os primeiros casos de COVID-19 em Wuhan, na China. À época, não se sabia as consequências e desafios que essa nova doença traria ao mundo do trabalho e empreendimentos. Esses efeitos serão examinados nos próximos capítulos desse trabalho.

O primeiro país no mundo a reportar a presença de uma “doença misteriosa”, posteriormente identificada como os efeitos do vírus SARS-COV-2, foi a China, principal fornecedora de componentes para manufatura de bens do mundo (BALDWIN e TOMIURA, 2020).

A importância da China como maior mercado consumidor e fornecedor do mundo era incontestável. Portanto, não houve surpresa quando a oferta e demanda de produtos foi severamente afetada pelas consequências das tentativas de controle do vírus na China, no início da pandemia.

A paralisação das atividades de fábricas na China fez com que o mundo tivesse dificuldade em adquirir insumos que ajudariam no próprio controle da doença. Entre os produtos feitos e comercializados pela China que fizeram falta no mundo estavam máscaras de proteção, respiradores, entre outros artigos de uso hospitalar.

Conforme afirmado por Mello et al. (2020, p. 2) “A primeira grande particularidade da crise atual é que ela tem início no mundo real, na esfera produtiva, para posteriormente impactar os mercados financeiro e de crédito.”. O que também é confirmado por Baldwin e Tomiura (2020, p. 2, tradução nossa)¹, “se o vírus e as políticas preventivas que o acompanham provocarem uma diminuição na demanda agregada dessas seis maiores economias do mundo as trocas comerciais diminuirão substancialmente”.

As medidas de distanciamento social postas em prática na China tinham o objetivo de evitar a disseminação do vírus da província de Hubei para o resto do país. Escolas foram

¹ “if the virus and accompanying preventative policies induce an importante aggregate demand slowdown in these six nations, world trade will slow substantially”

fechadas, transportes foram proibidos e locais de trabalho também foram fechados (“China shows COVID-19 responses must be tailored to the local context”, 2020).

Os países que reportaram a maior parte dos casos de COVID-19 até 2 de março de 2020, em ordem, foram China, Coreia do Sul, Itália, Japão, Estados Unidos e Alemanha. Esses países estão entre as maiores economias do mundo. No passado era incomum que países mais importantes em termos econômicos fossem atingidos por pandemias (BALDWIN; TOMIURA, 2020).

O surgimento de uma nova doença trouxe um desafio novo à ciência, pois havia a inexistência de tratamento médico, medicamentos ou vacinas para a prevenção da infecção. Assim, as medidas postas em prática para o enfrentamento do vírus envolveram o distanciamento social também nesses países.

Dentre as características peculiares à pandemia podemos fazer algumas observações. Em falas de políticos pelo mundo encontraremos comparações da pandemia com cenários de guerras. Porém, em comparação com os efeitos de uma guerra, os efeitos da COVID-19 na economia são completamente diferentes daqueles vividos em períodos de conflito.

Em um cenário de guerra a capacidade produtiva como fábricas, mão-de-obra e serviços complementares são completamente voltadas para atender às necessidades do conflito. Isso faz com que a população tenha ocupação, e o nível de empregabilidade atinge altos patamares (MELLO, MATOS DE OLIVEIRA, *et al.*, 2020).

Já durante a pandemia da SARS-COV-2 o cenário nas frentes produtivas é completamente contrário. A produtividade e os níveis de ocupação caíram, pois, diversos setores sofreram paralisações mundo afora. O desemprego e a subutilização da capacidade produtiva foram consequências diretas desse fenômeno.

O secretário-geral da ONU, António Guterres, divulgou um texto em que faz comparações entre a guerra e a pandemia. No texto “A fúria do vírus ilustra a insensatez da guerra” ele destaca as algumas características peculiares do vírus que são comparáveis às da guerra.

Nos exemplos do texto de Guterres, as pessoas que sentem os maiores efeitos da guerra e da pandemia são mulheres, crianças, refugiados, marginalizados, pessoas com deficiência e profissionais da saúde (GUTERRES, 2020). Apesar da comparação com cenário de guerra em termos econômicos não ser completamente real, por causa do cenário do desemprego já citado

anteriormente, as pessoas que já pertencem ao grupo de risco são mais vulneráveis aos efeitos colaterais negativos da COVID-19.

Vários setores foram afetados pela queda brusca na demanda, causadas pelas medidas de distanciamento social. Entre eles os setores de transporte, restaurantes, hotéis, entretenimento, etc. Um segundo efeito já mencionado anteriormente são os problemas de fornecimento desencadeados pelo fechamento de indústrias e empresas (SAEZ e ZUCMAN, 2020).

Em um artigo do Livro editado pelo CEPR - Centro para Pesquisa de Pesquisa Econômica sobre a economia em tempos de COVID-19, Baldwin e Tomiura (2020, p. 4, tradução nossa)² fazem o seguinte comentário sobre China, Coreia do Sul, Itália, Japão, Estados e Alemanha:

além de serem gigantes globais, os setores manufatureiros das seis nações mais atingidas até o momento são o coração de uma miríade de cadeias de suprimentos internacionais, cada uma sendo um importante fornecedor de insumos uns para os outros e para nações terceiras. [...] Já em março de 2020 a epidemia de COVID-19 estava centralizada na China, com mais de 90% dos casos reportados localizados lá. As duas grandes nações a serem atingidas em seguida são Japão e Coreia. Essas observações são pertinentes uma vez que China, Japão e Coreia são vitais para a cadeia de suprimentos global na maioria dos bens manufaturados. A China por si só se tornou com o passar das décadas uma “OPEC para insumos industriais”, ou seja, um fornecedor crítico de insumos usados na indústria ao redor do mundo.

Os efeitos da pandemia de COVID-19 foram devastadores para as economias globais. Os países mais atingidos são os mais críticos para o funcionamento das indústrias mundo afora. As cadeias de suprimento foram severamente atingidas pelas medidas de distanciamento social que também impactaram a oferta e demanda de bens e serviços.

² “in addition to being global giants, the manufacturing sectors of the six hardhit economies are at the heart of a myriad of international supply chains; each is an important supplier of industrial inputs to each other and to third nations [...] As of early March 2020, the COVID-19 epidemic was very much centred in China, with over 90% of reported cases located there. The two next hardest hit nations are Japan and Korea. These observations are pertinent since China, Japan and Korea are central to the global supply chains in most manufactured goods. China itself has become, over the past few decades, something like the ‘OPEC for industrial inputs’, i.e. a critical supplier of inputs used in industries around the world.”

Outro ponto que vale destaque, é a interdependência entre as produções de bens e serviços dos países no mundo. As economias são tão intrinsecamente interligadas que os impactos na produção de alguns países causam um verdadeiro efeito dominó mundial de dificuldades econômicas.

Essa ideia também é discutida por Mello et al. (2020, p. 3) que diz o seguinte no seu texto: "Supply chains estão se rompendo pelo impacto da pandemia na Ásia e Europa, viagens internacionais estão sendo limitadas com o fechamento de fronteiras e medidas protecionistas estão sendo tomadas".

Ao mesmo tempo em que o mundo observou uma queda brusca na demanda de diversos bens e serviços houve um crescimento na demanda de alguns itens que são essenciais para o enfrentamento da pandemia. Itens médicos, como respiradores e componentes eletrônicos, uma vez que diversas atividades passaram a ser exercidas remotamente através de dispositivos eletrônicos, tiveram um aumento na procura durante esse período. É importante destacar que essas variações entre oferta, demanda e cadeias de suprimento precisaram ser rapidamente absorvidas pelos mercados, porém nem todas foram bem sucedidas.

São essas implicações, decorrentes da influência da teia da economia mundial que foram destacadas por Mello et al (2020), que facilitarão o entendimento do encadeamento de fatos que resultaram em impactos no mundo do trabalho e empresas. Isso é o que veremos nos tópicos seguintes dessa revisão de literatura.

2.2 MUNDO DO TRABALHO E EMPREGO NA PANDEMIA DE COVID-19

Como discutido no tópico anterior, a economia mundial foi severamente afetada pela pandemia de COVID-19. Os efeitos das medidas de distanciamento social provocaram anormalidades na oferta e demanda de produtos. As consequências para a esfera produtiva foram devastadoras, muitas empresas foram à falência e empregos foram perdidos.

No artigo "Impacts of the COVID-19 Crisis on the Brazilian Labor Market" por Mattei e Heinen (2020) foi feita uma análise de dados a respeito dos efeitos imediatos da COVID-19 na economia brasileira. De acordo com o artigo levaremos anos para a recuperação da crise mundial, deflagrada pela pandemia de COVID-19.

Castelar (2017, p. 1) dá o tom sobre a crise do triênio 2014-2016 em arquivo de janeiro de 2017 no Portal IBRE FGV "completando quase três anos de uma brutal recessão, com desemprego recorde e enorme queda do investimento agregado: 26% no triênio 2014-16". É

possível compreender a dimensão da recessão que o país passava quando foi atingido novamente pela pandemia de coronavírus. Assim, não foi surpresa quando os resultados econômicos resultantes das medidas de contenção do vírus foram rapidamente sentidos pelo país afora. A economia estava fragilizada pelas perdas recentes e apresentava leves sinais de recuperação.

Uma leve recuperação foi ensaiada a partir de 2017, com a saída da recessão, queda de juros e inflação (OLIVEIRA e MÁXIMO, 2017). Porém, o país não foi capaz de se recuperar totalmente do período anterior. A situação de emprego e renda ainda se encontrava em níveis frágeis no início de 2020.

Mattei e Heinen (2020, p. 21) ressaltam que "O Brasil iniciou 2020 com uma taxa de desemprego acima de 11%.". Já Mello et al. (2020, p. 3) faz a seguinte declaração: "a resolução da crise econômica não depende apenas da recuperação das condições de funcionamento normal do mercado financeiro, mas da manutenção da renda das empresas e das famílias em um momento de absoluta paralisação dos fluxos."

Com a queda na demanda mundial e as restrições de oferta que vivemos por causa dos efeitos da COVID-19 houve um grande número de empresas que não sobreviveram a esses efeitos negativos. Essas falências contribuíram para o aumento do desemprego que já estava com números altos antes da pandemia no Brasil.

O desemprego resultante da falência de empresas gera consequência na renda da população em geral. A queda na renda da população retroalimenta a queda na demanda, que acaba gerando um ciclo sem fim de aumento do desemprego e diminuição da renda das pessoas (MATTEI e LOEBLEIN HEINEN, 2020).

Um outro fator importante para a queda na renda das pessoas foi uma medida anunciada pelo Governo Federal logo no início da pandemia no Brasil. A MP 936 foi uma medida que visava prestar uma "assistência" às empresas. Essa Medida Provisória criou o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda.

Entre os mecanismos para a manutenção de emprego e renda implementados pela MP 936 como medida de suporte às empresas estão: a redução de jornada de trabalho dos funcionários, a suspensão temporária de contrato de trabalho e o pagamento do Benefício Emergencial de Preservação do Emprego e da Renda. Esse último é uma complementação do salário do trabalhador a ser paga com recursos federais, feita para compensar a diminuição do

salário proporcional à redução da jornada. Em contrapartida as empresas se comprometeriam a não demitir, temporariamente, os funcionários beneficiados com o valor pago pelo governo (MEDIDA PROVISÓRIA Nº 936, DE 1º DE ABRIL DE 2020, 2020).

Se a MP 936 foi criada para auxiliar as empresas, houve um outro benefício criado pelo governo para auxiliar pessoas comuns que estavam impossibilitadas de trabalhar por causa das medidas de restrições impostas como forma de combate à pandemia. O auxílio emergencial foi criado em 2 de abril de 2020 pela Lei 13.982 de 2020 a partir de alteração na Lei 8.742 de 1993.

Mattei e Heinen (2020, p. 13) fazem a seguinte reflexão a respeito dos acordos da MP 936: "Supondo um mês em que todos os acordos previstos pelo governo estejam em vigor, podemos esperar uma queda de R\$ 10,7 bilhões na massa salarial brasileira somente em função dos acordos autorizados pela MP 936.". Levando em conta as dificuldades na economia, uma queda de R\$ 10,7 bilhões no rendimento de trabalhadores formais torna o cenário ainda mais frágil e produz um efeito contrário ao esperado com as medidas.

Já sobre o auxílio emergencial, no valor de R\$ 600,00, Mattei e Heinen (2020, p. 14) declaram: "Ainda que esse auxílio promova um acréscimo na renda disponível dos desempregados, cabe notar que no trimestre encerrado em fevereiro de 2020 o rendimento médio dos trabalhadores por conta própria era de R\$ 1.736, enquanto o dos empregados sem carteira era de R\$ 1.481.". Portanto, ainda que o Governo Federal tenha disponibilizado essa ajuda, ela não é suficiente para cobrir os gastos dos trabalhadores.

Podemos ainda destacar que, segundo Mello et al. (2020, p. 5), "Cabe ressaltar a importância do Estado em momentos de crise seja pelas suas funções alocativa, distributiva e estabilizadora e/ou para garantia dos direitos humanos.". Ou seja, é função do Estado garantir que a população tenha condições de viver dignamente.

Mattei e Heinen (2020, p. 19) fazem o seguinte comentário sobre os dados preliminares da economia brasileira em 2020:

"Ainda que os dados analisados captem apenas os primeiros efeitos da atual crise sobre o mercado de trabalho nacional, eles já revelam um processo acelerado de deterioração das condições de emprego e de renda no país. Diante da ineficácia das políticas do Governo Federal no sentido de dar garantias mínimas aos trabalhadores nesse período de pandemia e da forte retração das atividades econômicas, a tendência é que todos os indicadores anteriormente analisados venham a piorar nas próximas divulgações da PNAD Contínua, explicitando, desta forma, a grave situação vivida pelos trabalhadores brasileiros na atualidade."

A economia brasileira já começou o ano de 2020 fragilizada pelos efeitos da crise que enfrentou de 2014 a 2016 em seu pior momento. A retomada tímida ensaiada nos anos anteriores a 2020 não foram suficientes para que se recuperasse novamente. Dessa forma, os efeitos da COVID-19 foram sentidos de forma avassaladora pelas empresas e trabalhadores brasileiros.

Fica evidenciada também a limitação do Governo Federal de liderar e organizar esforços para garantir que a economia seja preservada para uma possível retomada uma vez que seja declarado o fim da pandemia de coronavírus. Os esforços tardios, insuficientes e de curta duração não foram capazes de conter os piores efeitos da pandemia no emprego e renda dos trabalhadores.

O FMI fez recomendações de que os países ampliassem com urgência os gastos com saúde e oferecessem apoio aos mais vulneráveis. Houve recomendações também do Banco Mundial nesse sentido, que houvesse ampliação dos gastos com saúde, apoio aos mais vulneráveis e ao setor privado (MELLO, MATOS DE OLIVEIRA, *et al.*, 2020).

Diante da presente falha na aplicação de medidas de contenção de impactos da pandemia de coronavírus na economia, houve um impacto geral na economia. Porém, esse impacto nos grupos mais vulneráveis é ainda maior. Em caso de ausência ou insuficiência de mecanismos de proteção a esses vulneráveis os deixa em risco iminente de ausência de recursos para cobrir necessidades básicas.

Como pudemos comprovar nesse tópico, há indícios claros de que as ações do Estado foram insuficientes para mitigar os riscos que grupos mais vulneráveis corriam diante do cenário da pandemia. Essas repercussões em grupos mais vulneráveis serão exploradas no próximo tópico.

2.3 MICROEMPREENDEDORES E INFORMAIS NA CRISE DE COVID-19

A Lei Complementar 128/2008 cria a figura do MEI (microempreendedor individual) no Brasil. O objetivo dessa lei era fazer com que milhões de empreendedores deixassem a informalidade (Estudos Apresentam Perfil do Microempreendedor Individual). Os microempreendedores e seus negócios são parte fundamental da economia.

O único apoio financeiro oferecido à população foi o auxílio emergencial no valor de R\$ 600,00 mensais por até três meses. São cerca de 55 milhões de empregados informais,

autônomos e desempregados que terão direito a somente essa medida de apoio para se sustentar durante a pandemia de coronavírus (MATTEI e LOEBLEIN HEINEN, 2020).

O auxílio emergencial tinha o objetivo de fornecer assistência para uma grande massa de trabalhadores que se viram em situação de vulnerabilidade repentinamente. A crise sanitária causada pelo avanço do coronavírus pegou esses trabalhadores de surpresa. A maior parte desses trabalhadores se viram obrigados a parar de exercer as suas atividades.

Como consequência imediata à paralisação das atividades laborais está a cessação da remuneração que estava atrelada a essas atividades. Esses trabalhadores se viram sem possibilidade de trabalhar, sem receber e conseqüentemente sem renda que garantisse o atendimento de suas necessidades básicas.

Quando se trata de pequenos empreendimentos a situação é muito preocupante. De acordo com Bernardes, Silva e Lima (2020, p. 2) "um pequeno negócio tem caixa para aguentar apenas 23 dias fechado' e, quando se trata do segmento de beleza, esse número é ainda menor, 17 dias.". Outro apontamento feito foi que "Um levantamento feito pelo Sebrae em abril de 2020 também indicou que os pequenos negócios vêm sendo afetados nesse período de isolamento, registrando queda de 88% do faturamento."

As primeiras medidas de distanciamento social implementadas no Rio de Janeiro foram implementadas em 16 de março de 2020. Entre os serviços e estabelecimentos que tiveram seus funcionamentos afetados parcial ou integralmente estão o DETRAN, delegacias, Tribunal de Justiça, ALERJ, transportes e PROCON (Coronavírus: saiba os serviços alterados a partir desta segunda (16) , 2020).

Alguns tipos de serviços não haviam sido restabelecidos até fevereiro de 2021. O setor de eventos foi um dos mais atingidos. Festas, shows, feiras e afins têm como característica a reunião e aglomeração de grande número de pessoas em um espaço limitado e muitas vezes fechado e sem ventilação adequada. Como a proximidade física das pessoas causa a disseminação do vírus, esse tipo de atividade ao contrário de outras não foi liberada mesmo após o relaxamento de algumas medidas de restrição.

Para os pequenos empreendedores que dependem dessas atividades esse período foi de fragilidade econômica. A queda de faturamento registrada pelo SEBRAE foi de 88% para esses negócios (REIS BERNARDES, DE SOUSA SILVA e FERREIRA LIMA, 2020). A

liquidez desses negócios costuma ser baixa, logo não suportam longos períodos fechados. Infelizmente, esse foi o cenário vivido por grande parte dos microempreendedores.

O cenário do emprego no Brasil no início de 2020 era de 11%, porém há uma particularidade em relação a esse dado. Em 2020 apenas 52,1% dos brasileiros ocupavam posições formais no mercado de trabalho (MATTEI e LOEBLEIN HEINEN, 2020). Os trabalhadores informais estão em situação de maior vulnerabilidade em relação aos formais, uma vez que não gozam dos mesmos direitos e garantias.

Os microempreendedores e trabalhadores informais tiveram um apoio insuficiente por parte do Estado. O auxílio emergencial não foi suficiente para que pudessem se manter em casa sem trabalhar durante a pandemia. Assim, foi necessário que buscassem alternativas para continuar gerando renda.

As ferramentas tecnológicas puderam suprir em alguma medida a ausência de contato social. Alguns trabalhadores puderam continuar suas rotinas de trabalho com pequenas modificações remotamente. Porém, para quase todas as atividades do setor de serviço pessoal como cabeleireiros, manicures, etc., por dependerem da presença de clientes, tiveram que interromper suas atividades por completo.

Mattei e Heinen (2020, p. 7) chamam a atenção para a vulnerabilidade de determinado grupo informal: "o isolamento social para minimizar o risco de contágio também afetou os trabalhadores que vivem dos famosos "bicos", que compõem parcela importante dos 5,4% da força de trabalho que estava ocupada no grupamento de Outros serviços.". Esses trabalhadores dependem de serviços esporádicos e correm o risco iminente de ficarem sem renda.

No artigo "Os impactos financeiros da Covid-19 nos negócios" Bernardes, Silva e Lima (2020, p. 4) apontam o uso de ferramentas de tecnologia pelos empreendedores, "Verificou-se também que o comércio eletrônico tem sido cada vez mais uma ferramenta utilizada pelas empresas para se manterem ativas, visto que as suas lojas físicas estão fechadas, cumprindo as determinações de isolamento social dos estados e municípios.".

Porém, no mesmo trabalho as autoras indicam ainda a existência de uma barreira para o uso da tecnologia, "é importante destacar que muitos empreendimentos, principalmente os de pequeno porte, ainda não estão familiarizados com essa nova modalidade de comércio. Ademais, não possuem estrutura necessária para competir com as grandes empresas.". Muitos

desses empreendedores não tiveram treinamento sobre o uso dessas ferramentas e não sabem usá-las adequadamente.

Mello et al. (2020, p. 6) faz o seguinte alerta em relação à gravidade do problema enfrentado pelos microempreendedores e trabalhadores informais.

Quanto ao mercado de trabalho, o impacto da pandemia no Brasil pode ser brutal e duradouro, com a redução da atividade econômica levando a um aumento da desocupação (que hoje atinge cerca de 11,9 milhões de pessoas) e da pobreza/miséria, considerando que no trimestre de novembro de 2019 a janeiro de 2020 a taxa de informalidade atingiu 40,7% da população ocupada, representando 38,3 milhões de trabalhadores informais. Estes trabalhadores (e seu consumo) estão ainda mais vulneráveis a uma redução da atividade econômica e, mesmo doentes, podem ser forçados a continuar a trabalhar para se sustentar. Em situação similar estarão os Microempreendedores Individuais (MEIs) e os trabalhadores intermitentes. Além destes trabalhadores, as pequenas e médias empresas, em especial do setor de serviços, devem ser fortemente afetadas.

Os microempreendedores e trabalhadores informais não tinham reservas suficientes para cobrir um grande período de tempo sem trabalhar. O efeito colateral das medidas de distanciamento social utilizadas para enfrentar o coronavírus foi um golpe duro nos negócios desses trabalhadores.

A consequência direta desse problema desencadeado pela crise de coronavírus é uma precarização ainda maior da situação do emprego no país. Quando a pandemia for controlada e as atividades e rotinas de trabalho voltarem a funcionar, levaremos algum tempo para recuperação dos efeitos negativos do vírus na economia.

Um dado preocupante foi levantado pelo SEBRAE ainda em 2020. Mattei e Heinen (2020, p. 4) destacaram o seguinte "pesquisa do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas revela que em apenas 15 dias entre os meses de março e abril de 2020 as micro e pequenas empresas já teriam demitido 9,3 milhões de trabalhadores em todo o Brasil.". Isso revela que a pandemia de coronavírus afetou rápida e gravemente a situação dos micro e pequenos empresários e também os empregados desses estabelecimentos.

Os micro e pequenos empreendedores e trabalhadores informais são grande parte da força de trabalho brasileira. Também são parte importante da economia: quando deixam de produzir, causam um efeito perigoso na economia. A natureza dos próprios empreendimentos faz com que eles não tenham estrutura para passar por esse momento sem ajuda, ou seja, são um grupo naturalmente vulnerável nesse cenário.

Outro grupo naturalmente vulnerável e que pode sofrer ainda mais os efeitos da pandemia de coronavírus são as mulheres. No tópico seguinte será analisado se as empreendedoras femininas e seus negócios foram mais atingidos pelos efeitos da pandemia de COVID-19.

2.4 EMPREENDEDORISMO FEMININO NA PANDEMIA DE COVID-19

É provável que alguns grupos estejam em maior risco de perda de renda e dificuldades durante a pandemia de COVID-19. Nesse grupo de vulneráveis podemos incluir pessoas com deficiência, imigrantes, negros e mulheres. Essas pessoas são maioria em profissões menos formais, com remunerações mais baixas e que são mais instáveis.

Beland, Fakorede e Mikola do Departamento de Economia da Universidade de Carleton analisaram resultados de trabalho para pequenos empreendedores no Canadá em 2020. Segundo os autores houve uma redução considerável em horas de trabalho para imigrantes, mulheres e pessoas com menor nível de educação. A redução foi respectivamente de -44,3%, -43,5% e -28,9% (BELAND, FAKOREDE e MIKOLA, 2020).

Os dados do cenário de trabalho no Canadá são similares aos do Brasil. Houve uma redução drástica no número de horas trabalhadas. Existe uma preocupação em relação à sobrevivência desses pequenos empreendimentos, pois como dito anteriormente eles têm pouca liquidez.

A redução na oferta e demanda, já discutidas anteriormente, expõe esses microempreendedores a grande risco durante a pandemia de COVID-19. Diante desse cenário, o Estado tem o papel de oferecer assistência a esses pequenos empresários. Ao não oferecer assistência o Estado assume o risco de jogar essas pessoas em uma situação de pobreza e miséria.

Liu, Wei e Xu (2021, p. 5, tradução nossa) fizeram uma análise de dados do Banco Mundial sobre negócios liderados por mulheres durante a pandemia de COVID-19. Vale a pena destacar duas citações feitas por elas, “Negócios liderados por mulheres estão mais propensos a fechar e a fechar por mais tempo durante a pandemia de COVID-19 do que aqueles liderados

por homens”³ e “Negócios liderados por mulheres são menos propensos a pegar empréstimos bancários”⁴.

Essa diferença entre a tendência de fechar de negócios femininos e masculinos fica ainda mais acentuada quando avaliamos também a desigualdade de gênero nos países. Quanto maior a desigualdade de gênero e mais pobre o país maior é a propensão de haver uma taxa mais alta de fechamento dos negócios femininos (LIU, WEI e XU, 2021)

Também de acordo com Liu, Wei e Xu (2021) o apoio governamental não é um fator que afete os negócios liderados por mulheres em grau superior do que aqueles liderados por homens. Por outro lado, os mesmos dados do Banco Mundial indicam que empreendimentos femininos costumam receber menos empréstimos bancários do que os masculinos e também têm tendência maior de demitir colaboradores, especialmente os femininos.

Parte do trabalho passou a ser desempenhado remotamente por causa das medidas de restrição de COVID-19. A maior parte das atividades domésticas são exercidas por mulheres, conforme dados do IBGE (IBGE, 2018). É possível que as atividades de trabalho desempenhadas remotamente sejam prejudicadas pelo acúmulo delas com as atividades domésticas.

Os tipos de atividades desempenhadas por mulheres e seus empreendimentos também fazem diferença nos resultados demonstrados ao longo da pandemia. Atividades classificadas como essenciais não tiveram seu funcionamento interrompido durante a pandemia de coronavírus, porém mulheres não costumam estar ligadas a essas atividades.

As mulheres permanecem a maioria esmagadora dos trabalhadores domésticos. A maior parte dos trabalhadores domésticos também enfrentam outro desafio: a informalidade. A maior parte desses trabalhadores não estão formalmente registrados no mercado de trabalho. Isso traz uma maior vulnerabilidade a esses trabalhadores (MATTEI e LOEBLEIN HEINEN, 2020).

A alternativa encontrada por essas empreendedoras para que os negócios não tivessem que parar completamente foi o meio digital. Seus produtos passaram a ser comercializados

³ "Women-led business are more likely to close and close longer during the COVID-19 pandemic than men-led businesses"

⁴ "Women-led firms are less likely to get bank loans"

digitalmente. A barreira que muitas pessoas encontraram para migrar para esse tipo de modalidade foi o conhecimento para utilização dos dispositivos e também o conhecimento de uso das ferramentas.

No seu artigo “Impacts of the COVID-19 Crisis on the Brazilian Labor Market” Mattei e Heinen (2020, p. 20) apontaram que em relação aos setores de estética e bem-estar, tipicamente ligados a mulheres, "não foram considerados essenciais nas definições de atividades que poderiam funcionar durante a quarentena, certamente tal fato pode ter contribuído para agravar ainda mais as já precárias situações das mulheres no mundo do trabalho."

No mesmo artigo temos também observações em relação à situação das mulheres no mercado de trabalho, "Por um lado, elas são maioria nos trabalhos domésticos, que ainda permanece com elevado grau de informalidade e, por outro, elas são minoria nos postos de trabalho ligados à produção, como indústrias, construção civil, transportes etc.." (MATTEI e LOEBLEIN HEINEN, 2020). Ou seja, estão mais ligadas a serviços com menos garantias empregatícias.

Há ainda uma última observação de Mattei e Heinen (2020, p. 7) sobre o uso de ferramentas digitais, "os impactos serão menores no comércio atacadista e nas modalidades que podem ser viabilizadas de forma virtual". Logo, é de se esperar que os pequenos empreendedores farão uso dessas ferramentas como forma de continuar suas atividades.

Sobre a situação brasileira no cenário de pós-pandemia Mattei e Heinen (2020, p. 15) dizem o seguinte.

Em síntese, podemos afirmar que as medidas adotadas até o presente momento não serão capazes de conter a abrupta queda da renda da classe trabalhadora. Ao contrário, tais medidas parecem ir mais no sentido de tornar a degradação do mercado de trabalho nacional permanente do que de garantir um nível de emprego adequado e um patamar de renda suficiente para atender às necessidades básicas da população.

A situação do empreendedorismo feminino é delicada diante do cenário de pandemia de COVID-19 no Brasil. A natureza de seus empreendimentos faz com que seus negócios estejam mais suscetíveis a fechar e a permanecerem fechados. A ausência de apoio do Estado também contribui para o risco de falência desses empreendimentos.

Vale destacar que uma vez que esses negócios deixarem de existir teremos um agravamento da crise empregatícia, pois são responsáveis por grande parte dos empregos no Brasil (AMIN, 2020). Esses indivíduos farão parte de um grande número de desempregados. O

mercado demonstrou nos últimos anos que não é capaz de produzir empregos o suficiente para absorver esses desempregados. A esses indivíduos que não serão absorvidos pelo mercado de trabalho é possível que a única alternativa seja a informalidade, que é caracterizada pela fragilidade.

A falência desses empreendimentos é apoiada pelos números entre fevereiro e maio de 2020 no Canadá. Houve um declínio da propriedade de negócios nesse período. Entre imigrantes houve uma queda de -16,1%, entre mulheres -12,9% e -17,8% entre pessoas menos educadas (BELAND, FAKOREDE e MIKOLA, 2020).

O apoio do governo é fundamental nesse momento de diminuição da demanda e problemas na oferta de serviços e produtos. Nos casos em que a assistência governamental é inadequada ou inexistente a observamos um grande número de falências de negócios em um curto período de tempo.

Os negócios femininos estão em risco maior de fechamento durante a pandemia. Caso essas mulheres não recebam apoio para estabelecer estratégias de manter seus negócios funcionando estarão em risco iminente de falência. O Estado precisa oferecer prestar uma atenção maior a esses indivíduos, pois eles são parte importante da economia.

3 METODOLOGIA

O objetivo do presente estudo foi descrever os efeitos da pandemia de Covid-19 na vida de microempendedoras do Estado do Rio de Janeiro. Para isso foram definidos três objetivos específicos. O primeiro foi o de identificar quais foram as políticas públicas implementadas para mitigação dos danos relativos à pandemia na vida das pessoas (trabalhadores e microempreendedores). O segundo foi conhecer como a crise sanitária de Covid-19 afetou a vida de um grupo de microempendedoras do Estado do Rio de Janeiro. O terceiro foi descobrir como as políticas públicas implementadas e demais iniciativas de apoio afetaram as microempendedoras.

Paulilo (1999, p. 1) destaca que “A investigação qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos.”. O presente estudo tem como objetivo conhecer os efeitos da pandemia de Covid-19 na vida de microempendedoras do Estado do Rio de Janeiro. Sendo assim, nada parece mais adequado do que utilizar um método de pesquisa que respeite a história, experiência, opinião e individualidade de cada uma das entrevistadas no contexto da pandemia de coronavírus. Portanto, optou-se pela utilização da metodologia qualitativa.

A fim de definir qual tipo de pesquisa esse estudo se encaixa foram utilizados os tipos definidos por Vergara (1998). Segundo os critérios da autora para análise de fins de pesquisa o presente estudo tem caráter exploratório-descritivo. Exploratório por causa da natureza do próprio fenômeno, o estudo sobre a pandemia de COVID-19 foi desenvolvido durante a própria pandemia de COVID-19. Portanto, antes que ela tivesse seu fim declarado. Assim, pesquisas sobre o tema ainda estão sendo desenvolvidas, não havendo conhecimento acumulado e sistematizado. Observa-se também que, conforme descreve a autora não há formalização de hipótese. A pesquisa também se encaixa na classificação descritiva porque expõe características da vida de determinada população ou fenômeno. Nesse caso, a pesquisa propõe-se a explorar através das percepções de empreendedoras do Rio de Janeiro durante a pandemia de coronavírus os impactos que a pandemia teve sobre suas vidas.

Para a classificação do presente estudo quanto aos meios também utilizaremos a classificação proposta por Vergara (1998). De acordo com essa classificação o estudo pode ser enquadrado nas características de pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica, a autora admite que alguns estudos se encaixem mais de uma categoria ao mesmo tempo. O presente estudo

seria uma pesquisa de campo pois realiza uma pesquisa empírica no local onde o fenômeno ocorre. Nesse caso foi utilizada uma pesquisa com um grupo de participantes: algumas das mulheres que chefiam micro e pequenos empreendimentos no Rio de Janeiro. Além disso, se encaixa na categoria de pesquisa bibliográfica pois se valeu de estudo sistematizado com base em material disponível ao público em geral para compor a sua revisão de literatura.

3.1 COLETA DE DADOS

Para atingir o objetivo de conhecer os efeitos da pandemia de Covid-19 na vida de microempendedoras do Estado do Rio de Janeiro foram entrevistadas 10 mulheres, microempendedoras do Estado do Rio de Janeiro. Dessa forma, pudemos conhecer as dificuldades enfrentadas pelas convidadas entrevistadas durante a epidemia de COVID-19 e entender como as empreendedoras estão se reinventando e quais os seus principais desafios nesse período.

Há dois tipos de seleção de amostras em pesquisas qualitativas que não são probabilísticas: por conveniência ou intencional. No primeiro caso a seleção da amostra é feita por proximidade ou disponibilidade. Já na segunda o pesquisador escolhe com base seu próprio juízo (DUARTE, 2006). Nesse caso houve a seleção de participantes com base em conveniência e disponibilidade. As participantes são microempendedoras apoiadas por ONGs a que a pesquisadora teve acesso.

Foram formados pequenos grupos de três ou quatro participantes a serem entrevistadas ao mesmo tempo. Cada grupo foi entrevistado por em torno de uma hora. Os grupos de empreendedoras foram formados de acordo com a afinidade de suas atividades de trabalho. Assim, foram feitos três encontros com a totalidade de dez mulheres entrevistadas.

As entrevistas foram conduzidas nos dias 9, 10 e 15 de fevereiro de 2021, portanto, um ano após ter sido declarado o início da pandemia de COVID-19. Vale destacar que a pandemia ainda não havia chegado ao fim, portanto ainda havia limitações relacionadas a encontros presenciais impostas pela pandemia de coronavírus. Dessa forma, as entrevistas foram conduzidas por meio da plataforma online Google Meet. A validade de pesquisa desenvolvida por plataformas online durante a pandemia de COVID-19 já foi discutida e apresenta fatores positivos e negativos. Entre os pontos positivos destacam-se a possibilidade de estudar os fenômenos diretamente relacionados à própria pandemia, diminuição dos custos da pesquisa, segurança sanitária de entrevistador e entrevistados, possibilidade de conversar

com pessoas geograficamente distantes e maior conforto dos entrevistados em falar sobre pontos sensíveis, devido ao distanciamento físico (SCHMIDT, PALAZZI e PICCININI, 2020).

Foi feita uma entrevista semiestruturada que explorou o aspecto dos negócios chefiados por elas. Esse formato foi desenvolvido para cobrir os pontos principais relacionados aos negócios e também por haver o entendimento de que os aspectos subjetivos relacionados à situação enfrentada pelos empreendimentos influenciam diretamente na sensação de bem-estar das empreendedoras.

Assim, a entrevista seguiu a seguinte estrutura: em um primeiro momento foi feita a apresentação da entrevistadora, depois as próprias entrevistadas se identificaram com nome, idade, profissão e local de residência. Em um segundo momento foram feitas as perguntas a seguir, na sua respectiva ordem.

1. Em algum momento você precisou parar de trabalhar completamente? Como ficou a renda da sua casa nesse período?
2. Você procurou algum auxílio de crédito em instituições financeiras? Conseguiu? Foi suficiente?
3. Você teve acesso a algum outro auxílio financeiro durante a pandemia? De onde?
4. A situação está melhor no momento em relação ao período de fechamento total do comércio? Caso esteja ainda está muito longe do que era no início da pandemia?
5. Como está se reinventando nesse cenário? Quais os principais desafios?

3.2 PERFIL DAS PARTICIPANTES

Sobre o perfil das empreendedoras, as entrevistadas se enquadravam em quatro áreas de atuação: artesanato, culinária, produção cultural e comunicação. Já no que diz respeito à idade das empreendedoras foram entrevistadas mulheres com intervalo da faixa etária entre 40 a 61 anos. A maioria das entrevistadas residia na baixada fluminense.

A seguir, a Tabela 2 indica as informações de cada uma das empreendedoras entrevistadas para este estudo. Para fins de confidencialidade os nomes das entrevistadas foram alterados. Também com esse objetivo a autora decidiu omitir o local onde residem, visto que também não acrescentam informações relevantes aos futuros leitores, e, portanto, não prejudicariam a qualidade da obra.

Tabela 2 - Perfil das Empreendedoras Entrevistadas

Nome Fictício	Idade	Profissão
Juliana	46 anos	Artesã
Olívia	60 anos	Artesã
Sara	65 anos	Artesã
Bruna	54 anos	Cozinheira
Cátia	40 anos	Cozinheira
Gabriela	43 anos	Cozinheira
Letícia	56 anos	Cozinheira e confeitadeira
Helena	41 anos	Produtora Cultural
Renata	61 anos	Artesã
Maria		Relações Públicas

Fonte: elaborado pela autora

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com Moraes (1999) a análise de conteúdo é uma metodologia que visa a orientação de análise de dados que tem por fim a assistência à compreensão dos dados obtidos através de diversos meios, entre eles a entrevista. A análise de conteúdo proporciona uma compreensão de significados maior do que a simples leitura.

A referida técnica de análise de conteúdo seria uma ferramenta adequada à estudos de sociologia aplicada. Dessa forma, entende-se que o empreendimento das técnicas de análise de conteúdos sejam úteis à investigação e interpretação dos dados obtidos através das entrevistas semiestruturadas concebidas no âmbito do presente estudo.

A metodologia de análise de conteúdo proposta por Moraes (1999, p. 4) prevê que sejam seguidos os cinco passos a seguir após a coleta de dados:

1. Preparação das informações;
2. Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades;
3. Categorização ou classificação das unidades em categorias;
4. Descrição;
5. Interpretação.

A análise dos dados obtidos através das entrevistas foi feita segundo a proposta de Moraes (1999). As entrevistas foram realizadas através da plataforma Google Meet, a

plataforma foi útil à medida que permitiu a gravação para que posteriormente pudesse ser conduzida uma análise mais detalhada, sem que a autora tivesse com que se preocupar com anotar as falas das entrevistadas ao longo da entrevista. Posteriormente foi realizada a transcrição das entrevistas e a preparação do material para análise conforme passos descritos acima com apoio da ferramenta Excel.

3.4 LIMITAÇÃO DO MÉTODO

Em relação às limitações de métodos utilizados temos aquelas relacionadas ao uso de plataforma digital, no caso o Google Meet, para condução das entrevistas. Schmidt, Palazzi e Piccinini (2020) discutem os desafios para a coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19, eles apontam a possibilidade de as tecnologias de informação serem mais cansativas não devendo ser longas. Também apontaram possíveis problemas de segurança da rede, plataforma e dispositivos eletrônicos, como computadores, câmeras, microfones e fones de ouvido. A possível falta de privacidade para entrevistador e entrevistado também pode ser comprometida em caso de ausência de ambiente privativo para desenvolvimento da conversa. Autores também destacam a possível falta de familiaridade dos envolvidos com o uso da tecnologia. A indisponibilidade de rede de internet também pode ser um fator limitante do método.

A subjetividade do estudo e a proximidade da autora com a obra a fim de interpretar os dados coletados apresenta uma limitação do método de análise de conteúdo e do próprio método de pesquisa qualitativa. O pesquisador corre o risco de contaminar os resultados projetando seus próprios preconceitos sobre o objeto de estudo (BEZERRA CAVALCANTE, CALIXTO e MACEDO KERR PINHEIRO, 2014).

A sensibilidade de verbalização dos entrevistados em relação a determinados temas também é um ponto delicado, para mitigar esse risco é necessário que as perguntas sejam bem desenvolvidas antes do início da coleta de dados. Para tal é necessário que o pesquisador seja experiente (BEZERRA CAVALCANTE, CALIXTO e MACEDO KERR PINHEIRO, 2014).

A experiência também é vista como fundamental para os autores interpretarem os dados coletados. Por fim, é necessário que a amostra dos sujeitos seja adequada para a investigação de determinado fenômeno, porém a forma de definir a quantidade de entrevistados, pela ausência de métodos estatísticos exatos, é motivo de discussão entre os próprios pesquisadores. Uma das formas propostas de determinar a quantidade de sujeitos é a saturação de informações, que acontece quando os sujeitos passam a repetir os mesmos dados já coletados

anteriormente, mas mesmo esse método não é unanimidade entre os acadêmicos (BEZERRA CAVALCANTE, CALIXTO e MACEDO KERR PINHEIRO, 2014).

4 ANÁLISE DE DADOS

4.1 A OPERAÇÃO DAS EMPREENDEDORAS DURANTE A PANDEMIA

4.1.1 Paralisação das Operações

Todas as empreendedoras relataram algum impacto da pandemia nos negócios, algumas em maior escala e outras em menor escala. Esse resultado corrobora com os dados indicados na revisão de literatura. Podemos observar a diminuição da demanda, do número de horas trabalhadas e fechamento temporário dos negócios, conforme destacam Liu, Wei e Xu (2021), Mattei e Heinen (2020) e Beland, Fakorede e Mikola (2020).

Algumas empreendedoras paralisaram a operação por completo, pelo menos temporariamente, no início da pandemia. A situação das mulheres que trabalhavam com feiras e eventos ficou ainda mais delicada. Essas mulheres perderam a principal praça para distribuição de seus produtos. No caso da Juliana, artesã, do dia para a noite houve a paralisação brusca e total da atividade, conforme ilustrado no relato a seguir:

Trabalhava com feiras e eventos, a pandemia começou no mês de março, que é um dos melhores meses para os artesãos, porque tem muitos eventos voltados para esse ramo.

Para Olivia, que também é artesã o momento também foi de perda, pois, assim como Juliana, ela também trabalhava com a exposição do seu trabalho em feiras. Essas feiras foram paralisadas no início da pandemia, por causa do risco de contágio pelo vírus da COVID-19.

Pra mim foi um período que eu tive perda, também fazia feira.

Para Renata, também artesã, de 61 anos, o período também foi difícil. Ela conta ter parado de trabalhar completamente no início da pandemia, tendo sido necessário até a procura de ajuda psicológica para lidar com os efeitos da situação. No início de 2020, ela vinha tendo resultados muito positivos no seu negócio e teve que paralisar suas atividades em março. A artesã também relata ter tido um “luto criativo” entre março e maio. Outro ponto que destaca é que tinha a expectativa de resolução rápida da pandemia, com a vinda de vacinas ou outras formas de lidar com a crise e que não tinha dimensão do que seria a pandemia de COVID-19.

Eu fui muito impactada. Até procurei ajuda, porque eu fiquei muito paralisada no começo, sem saber pra onde ir. E eu vinha de um resultado crescente. Era muito empolgante, eu entrei em 2020 com um resultado legal no meu empreendimento e quando eu entrei na pandemia eu achei que era um negócio que ia passar rápido. Eu achava que ia ficar 30 dias, 40 dias, a gente vai dar um jeito, vai vir vacina. Eu não tinha nem dimensão do acontecimento. Eu fiquei de luto criativo, eu não conseguia fazer absolutamente nada. Até abril, maio, mas em junho eu me recuperei.

Sara também narrou algo parecido. Não havia vendas porque costumava participar de feiras e outros tipos de canais de venda que também foram paralisados. Ela conta que ter um planejamento foi fundamental para poder lidar com a crise. Podemos acompanhar pela fala a seguir.

Eu me planejei muito já que não tinha venda, porque eu participava de feiras e uma série de coisas.

O setor da cultura e eventos, por causa de sua natureza de reunir grande quantidade de pessoas em um determinado espaço, foi um dos mais afetados. Em fevereiro de 2021, quando foram conduzidas as entrevistas, ainda não havia liberação para esse tipo de trabalho. Portanto, Helena, produtora cultural, ainda não podia exercer a sua profissão quase um ano após o início da pandemia:

Eu trabalho com eventos então ainda estou sendo afetada.

Letícia, cozinheira e confeitadeira, também relata que no começo da pandemia parou de trabalhar completamente. Ela conta ter tido dúvidas a respeito da aceitação dos clientes a respeito das entregas, por causa das orientações de distanciamento social dadas no início da pandemia. Também destacou ter ficado em “estado de choque” e, portanto, parada por 3 meses.

A pandemia me paralisou no começo. Eu pensava "como as pessoas vão me aceitar entregando produto pra elas se está falando que é pra fazer distanciamento social?". Então por 3 meses eu fiquei em estado de choque, fiquei parada.

Outras empreendedoras relataram uma diminuição da atividade, porém, não uma paralisação completa, como no caso de Gabriela, que viu a diminuição da demanda dos pedidos de marmita, conforme ilustrado no relato a seguir:

No meu empreendimento no início da pandemia eu me vi sem norte porque eu tinha uma determinada demanda semanalmente e caiu bruscamente. De atender 10, 11 clientes por semana se reduziram para 4, 3. Nas primeiras semanas do lockdown foi desesperador. Mas em nenhum momento eu parei de trabalhar. Por eu vender o suco detox, com o suco eu não parei, mas as marmitas diminuíram bruscamente no primeiro mês.

Para Bruna o cenário foi diferente. Ela conta ter tido boas vendas depois do começo da pandemia. Porém, a cozinheira afirma ter outra dificuldade, a oscilação da sua demanda ao longo do tempo.

Pra minha surpresa eu tive boas vendas depois que a pandemia começou, mas eu não tenho uma frequência de clientes direto. Tem mês que eu vendo bem, tem mês que eu vendo pouco. Tem 3 semanas que eu quase não vendo nada.

Já para Maria, empreendedora da área de comunicação, a pandemia foi sentida em fases. Ela viu em um primeiro momento apenas a redução no valor dos contratos, mas não perdeu nenhum cliente. A partir de setembro, em um segundo momento, houve a efetiva perda de clientes. E por fim, com a migração de negócios para o meio digital, ela teve um aumento de sua carteira de clientes. Projetos culturais relacionados à Lei Aldir Blanc também passaram a compor a carteira de clientes da empreendedora. Ao contrário das outras empreendedoras, ela não precisou parar a operação.

O meu negócio foi mais impactado pela redução dos contratos. Assim, eu costumo dividir os momentos da pandemia em fases. Os primeiros 3 meses teve clientes que não saíram, porque viram que a comunicação digital era importante, mas que tiveram uma redução de até 40, 50% do valor do contrato. Então no primeiro momento teve essa redução, ficou bastante apertado pra gente. Mas em um segundo momento quando foi a partir de setembro aí eu efetivamente tive perda de clientes. Aí agora estou em outro momento, porque muita gente migrou para o digital estou tendo um crescimento de clientes. Mas eu tive mais impacto mesmo em redução de faturamento, não cheguei a parar a operação. Agora também estão começando a surgir trabalhos por causa da Lei Aldir Blanc. A gente faz essa assessoria de comunicação, de imprensa, mídias sociais então agora pra março por exemplo vão entrar 2 projetos culturais, que é uma coisa que na pandemia toda a gente não fez quase nada de divulgação.

Podemos constatar que nenhuma das empreendedoras que participaram das entrevistas deixaram de ter perdas durante a pandemia. Houve relatos de diminuição da demanda, perda de clientes, paralisação das atividades e proibição completa de seu ofício no período da pandemia de coronavírus.

4.1.2 Adaptações das Operações

As medidas de restrição de circulação impostas para a contenção da disseminação do vírus de COVID-19 afetaram as operações de todas as microempresárias entrevistadas. A adaptação dos negócios para operação via meios digitais foi uma alternativa utilizada por microempreendedores para lidar com essas restrições de circulação. Esse movimento já havia sido previsto por Mattei e Heinen (2020).

Juliana, em seu negócio de artesanato, investiu em construção de marca, e na aprendizagem para aumentar as vendas online como alternativa às feiras que costumava participar e foram proibidas durante a pandemia:

Comecei a atuar mais nas redes sociais, fiz uma logo, mudei o nome e as vendas estão começando a aparecer. Fiz cursos de rede social, comecei a usar mais o Instagram, porque eu tinha, mas não sabia como usar. Não é nada muito grande, mas ter venda online já é um crescimento.

Helena, produtora cultural, entendeu a necessidade de adaptação da indústria de entretenimento para o momento da pandemia e propôs a formatação de eventos híbridos (parte presencial e parte digital):

Agora que está voltando, com as suas limitações, o pessoal de entretenimento, eventos e cultura ainda estão migrando para o digital. Então a proposta do meu evento é fazer de forma híbrida. Só um grupo de pessoas presencial, bem reduzido e mais digital.

Renata, artesã, já planejava ter um canal de vendas em ecommerce para 2020, a pandemia reforçou essa decisão. Apesar das vendas no ecommerce estarem mais baixas do que em modalidades presenciais ela destaca que o seu resultado vem sendo melhor porque o custo do ecommerce é menor. A microempresária apontou que a sua estratégia de marketing ainda precisa melhorar, porém que vai seguir com o ecommerce sendo seu principal canal de vendas.

Antes de começar a pandemia eu já tinha traçado um plano pra 2020 pra entrar no digital, no ecommerce, a pandemia veio e me empurrou mesmo. Mas o meu resultado hoje eu considero mais efetivo porque eu estou vendendo menos, mas o meu custo está mais barato por causa do ecommerce. Mas o meu resultado ainda não é o que eu preciso ter, eu preciso melhorar a minha estratégia de marketing. Mas esse é o modelo que eu vou escolher, ter uma ou duas coisas presenciais e focar no ecommerce.

Entretanto, essa migração também demonstrou seus desafios para implantação. Sendo um deles, a dificuldade de algumas empreendedoras em entender como usar essa tecnologia, independentemente do fato de terem ou não familiaridade com recursos tecnológicos. Também citaram a falta de equipamentos apropriados. Poucas entrevistadas deixaram de citar a migração do negócio para o meio digital.

Olivia, artesã de 60 anos, relatou dificuldade de utilizar o meio digital e que vinha tentando aprender. Ela conta que os cursos da área exigiam que ela acompanhasse as aulas do seu aparelho celular. Sendo esse o único aparelho que tinha à disposição para acesso às redes sociais, não conseguia praticar enquanto assistia às aulas.

Eu sou uma negação via internet. Estou agora perdendo esse medo e me esforçando para poder entrar. Dificulta acompanhar um curso de rede social porque eu tenho um aparelho celular e se eu estiver assistindo o curso não vou poder usar a rede social ao mesmo tempo.

Bruna, que é cozinheira, dependia de sua filha mais nova para fazer as suas propagandas em redes sociais. Porém, a sua filha precisou voltar a trabalhar e ela não conseguiu fazer a divulgação sozinha. Ela relatou a tentativa de fazer os anúncios:

Eu não consigo fazer direto as propagandas em redes sociais, porque eu dependo da minha filha mais nova. Tem 3 semanas que ela voltou a trabalhar. Então eu estou novamente tentando voltar a fazer as propagandas pra ver se melhora a venda.

Para Maria o desafio foi outro. Apesar de trabalhar diretamente com comunicação online para outras empresas não costumava fazer esse serviço para o próprio negócio. Ela afirmou não estar preparada para o mercado digital e que não tinha nenhum produto digital. Ela declarou estar repensando seu próprio modelo de negócio. Outro ponto a destacar é a migração para o regime de home office, citado apenas por Maria. Essa modalidade foi menos utilizada pelas microempendedoras entrevistadas, pois as atividades que desempenham já eram feitas a partir de suas casas.

Eu faço comunicação para empresas, mas eu não tinha um produto digital. Como eu ainda não tenho até hoje, não tenho um curso online. Eu acho que isso também, eu estar atuando no digital para os clientes, mas eu também não estava preparada internamente para estar digital. Tanto é que eu só fui dar treinamento digital agora em janeiro. Porque eu não fazia ideia, eu sei fazer para os outros, mas eu não sei fazer pra mim. Acho que esse digital até a gente que trabalha com digital a repensar modelo de negócio. A gente fechou o escritório, parou de ir pro escritório também, pra ficar de home office.

Essas empreendedoras ainda relataram as inovações que fizeram em seus negócios durante a pandemia. Algumas dessas inovações nasceram da necessidade das empreendedoras de criar novos produtos e formas de produzir para aumentar a renda nesse período.

Uma das inovações relatadas foi o desenvolvimento de um projeto de loja colaborativa em parceria com outras artesãs. Olivia é uma das participantes desse projeto, em que expõe uma nova linha de produtos de bebê que desenvolveu durante a pandemia após alguns clientes a questionarem a respeito da ausência de produtos infantis em seu portfólio. Ela aponta como um desafio para o projeto o momento do mercado.

Agora tomamos a decisão de montar uma loja colaborativa, mas é um recomeço difícil porque estamos iguais ao agricultor laçando o boi no pasto, porque não tem cliente no mercado nesse momento. Eu botei na minha referência na loja comunitária as peças para bebê que comecei a produzir a pedido de clientes.

Para a artesã Sara a inovação veio através do desenvolvimento de novos produtos. Produtos com dupla funcionalidade são atualmente seus principais. Ela também comenta que através de lives, que passou a fazer durante a pandemia, recebeu mais pedidos de seus produtos. Também têm agregado matérias primas recicláveis a seus produtos.

Fui convidada para fazer uma live. Eu nunca tinha feito. Eu fiz uma inovação que foi muito bacana com o produto que é bolsa que vira canga, canga que vira toalha, carteira que vira sacola. Hoje a carteira que vira sacola é o meu principal produto, Através de live vem aparecendo pedidos de produto. Também estou agregando produtos recicláveis.

Para Gabriela a inovação foi trazer um cardápio sazonal de festas típicas. Aproveitou a preferência de seus clientes por doces e receitas fitness e foi testando novos pratos, inicialmente em porções pequenas e quando recebia feedback positivo incluía esses pratos em seu cardápio em porções maiores. Esses pratos exploravam a temática da época que foram comercializados, de festa de junina.

Eu no período de maio até agosto eu usei como estratégias trazer os pratos típicos das festas pra pegada fitness, onde eu fiz baião de dois, bolo de milho, paçoca pra pegada de fitness. O que foi uma sacada bem legal. Nesse mês de maio até agosto. Meu público tem uma pegada com doce, eu senti isso e fui fazendo sobremesas, fazendo degustações, docinhos e coisas assim. Eu mandava toda semana eu mandava alguma coisa. Quando eu via que aquele prato era aceito na semana seguinte eu já fazia porções maiores e colocava à venda. Agregando novas coisas, valor aos meus produtos.

A estratégia de inovação de Helena foi procurar o apoio de plataformas digitais de gestão de eventos. Dessa forma teria o apoio necessário para não ter de dar conta de preparar todo o evento sozinha, poder focar na parte cultural e também permitir que esses outros aspectos fossem geridos por profissionais.

O meu está sendo procurar parcerias, eu estou negociando no momento com uma plataforma digital de gestão de eventos porque eu sozinha não tenho como cuidar de site, cuidar de inscrição, controlar a fila e ver questão de pagamento, fornecedor. Outra novidade que surgiu foram essas outras empresas especializadas nisso, eu no momento estou em negociação com uma empresa para executar o meu projeto. Para eu ficar ligada mesmo na parte de cultura, não na parte administrativa e digital, que eu não saco muito. Deixar com quem saiba.

Renata afirmou que faria o lançamento de uma nova coleção em abril com a utilização de “uma nova técnica de ressignificação do material”. Ela descreveu que teve que se reinventar pessoalmente e no seu negócio. A sua estratégia de enfoque no meio digital fez com que tivesse que se apresentar, fazer vídeos e expor os detalhes no seu Instagram, diferente do que costumava fazer anteriormente. Foi uma inovação digital pessoal:

Eu lanço agora em abril a nova coleção, introduzi uma nova técnica de ressignificação do material. E na verdade eu estou me adaptando. A reinvenção sou eu mesma, porque eu estou precisando de foco no digital, de apresentar, fazer vídeo, explicar o que é meu material no Instagram, coisa que eu não fazia antes. Eu não fazia quase nada disso. A reinvenção não é só do produto, é da própria estrutura do negócio e principalmente minha. A minha inovação digital.

Da mesma forma Maria contou que, apesar de trabalhar com assessoria de comunicação, não tinha o costume de fazer aparições em redes sociais. Ela pretendia fazer mais criação de conteúdo para o próprio negócio. Ela também vem trabalhando em novos produtos, um deles sendo uma plataforma para empresas que não podem pagar por uma assessoria de comunicação poderem gerir parte de sua comunicação digital, principalmente negócios de

impacto social, também promoveu o lançamento de um ebook de comunicação para negócios de impacto social. Ela também apontou uma nova forma de aumentar seus trabalhos através de parcerias de terceirização de trabalhos de outras empresas.

Estou começando com treinamentos online, ao vivo. A gente faz aqui com foco corporativo, a gente também está lançando um primeiro ebook de comunicação para negócios de impacto social que é algo que a gente quer trabalhar. Eu trabalho com assessoria de comunicação, mas você quase não me vê lá no Instagram. Essa coisa de se expor ainda pra mim, eu sei fazer pros outros, mas a gente está caminhando mais pra essa parte de criação de conteúdo. Estamos criando a plataforma digital principalmente para aquelas empresas que não podem ter uma assessoria de comunicação, para que elas possam gerir a parte de comunicação digital delas, principalmente negócios de impacto social. Uma outra coisa que está sendo inovadora pra gente está sendo também trabalhar a venda de uma outra forma. Por exemplo agora a gente está fazendo parceria com outras agências de comunicação que estão terceirando o trabalho com a gente. Apostando em um novo modelo de vendas também porque como só eu vendo aqui, eu que faço comercial, faço tudo., eu fiquei muito nessa questão de aumentar a carteira e às vezes a agência tem um tipo de trabalho que demanda da gente e é mais fácil.

4.2 FONTES DE RENDA DAS EMPREENDEDORAS DURANTE A PANDEMIA

4.2.1 Rendimentos das Operações

Observou-se uma queda significativa nos rendimentos das empreendedoras entrevistadas tal qual apontado por Bernardes, Silva e Lima (2020). A queda na renda foi diretamente influenciada pela diminuição e paralisação das atividades laborais provocadas pelas medidas de restrição de circulação para prevenção da contaminação pelo coronavírus.

Juliana, artesã, relatou que a sua renda foi inexistente no início da pandemia, porque deixou de trabalhar completamente em feiras, onde expunha seus produtos. Assim, passou a depender da ajuda de terceiros.

Eu fiquei somente dependendo da ajuda de outras pessoas, eu não tive renda no início da pandemia.

Olívia também teve perda de rendimento por causa da proibição das feiras que participava:

Pra mim foi um período que eu tive perda.

Cátia, que trabalha com produtos culinários, também teve problemas com as vendas durante a pandemia. Ela afirmou que as pessoas deixaram de gastar por receio da pandemia se estender por muito tempo. Também teve poucas vendas no início de 2021.

A pandemia atrapalhou bastante a venda. As pessoas ficaram com medo de gastar dinheiro sem saber quanto tempo ia durar. Então se preveniram bastante. Agora no começo de ano as coisas não estão boas, a gente sabe que começo de ano é assim, os três primeiros meses são lentos devidos aos gastos de final de ano.

Com a queda brusca na demanda de suas quentinhas, apesar de ainda ter continuado comercializando sua linha de sucos detox, Gabriela também teve uma queda na renda na pandemia, mas relata que depois que começou a se reinventar as coisas melhoraram.

No início da pandemia foi bem desesperador porque caiu a venda e, conseqüentemente, a renda, mas depois fomos aprendendo a nos reinventar e as coisas ficaram um pouco melhores.

Letícia, cuja renda era a principal da casa, também teve a renda comprometida pela paralisação das suas atividades durante 3 meses, no início da pandemia. Ela voltou a trabalhar aos poucos.

Por 3 meses eu fiquei em estado de choque, fiquei parada, sem trabalhar e sem renda. E nesse momento minha renda era a principal. Eu voltei aos poucos a trabalhar.

Renata também parou de trabalhar e teve sua renda comprometida. Ela viveu com uma reserva de dinheiro acumulada antes da pandemia.

Eu parei de trabalhar e a renda eu fui usando um pouco da reserva que eu tinha.

Apesar de não ter parado sua operação durante a pandemia Maria fez reduções em seus contratos, conforme relatado anteriormente, o que causou comprometimento no seu faturamento.

Eu tive mais impacto mesmo em redução de faturamento.

Em dois casos houve a migração temporária para a atividade de costura de máscaras, o que também ajudou essas empreendedoras a manter as suas rendas nesse momento em que a renda da principal atividades delas foi afetada pela pandemia de coronavírus.

Sara, que é artesã, recebeu encomendas de máscaras. Máscaras foram um item muito procurado durante a pandemia, durante os primeiros meses houve uma redução na disponibilidade de itens médicos que subiram de preço, desapareceram do mercado ou foram comprados para utilização em unidades de atendimento médico. Assim, muitas pessoas acabaram fazendo encomenda de máscaras para costureiras, caso de Sara. Ela não esperava receber esses pedidos, mas aproveitou a demanda. Ela conta que recebeu muitos pedidos de grandes quantidades de máscara e que esses pedidos eram contínuos:

Eu dei muita sorte porque tive muita encomenda de máscaras, então nesse período as minhas clientes me procuraram que até me surpreendi. Eu não tinha o objetivo de fazer máscara e nem passou pela minha cabeça, mas elas pediram e eu aproveitei. Então não era pouca, eram 80, 90, então foi uma boa. Então pra mim foi beleza, era uma atrás da outra.

Letícia contou que apesar de ter seu negócio voltado para culinária e confeitaria também é costureira. Assim, nesse momento em que seu negócio deixou de funcionar ela passou a confeccionar máscaras com tecidos que já tinha em casa e que foi isso que ajudou na renda de sua casa nesse momento.

No começo da pandemia o que me salvou foi que além de tudo eu sou costureira. Então eu fiz muitas máscaras com os tecidos que eu tinha. Nesse período que eu fiquei sem ter o que fazer, desesperada o que pagou minhas despesas foram as máscaras. Eu tinha muito tecido na minha casa e usei todos eles.

Ressalta-se, porém, que esses foram dois casos específicos e que as empreendedoras que não tinham habilidade ou equipamento para fazer máscaras ou exercer qualquer outra atividade que pudessem exercer durante a pandemia ficaram de fato sem renda proveniente do seu trabalho.

4.2.2 Assistência Governamental

Conforme dito anteriormente, a Lei do Auxílio Emergencial foi criada para prestar uma assistência financeira a indivíduos comuns que tiveram suas atividades afetadas pela pandemia de coronavírus. Entre eles os microempreendedores, que tiveram como assistência governamental o auxílio emergencial como único instrumento (MATTEI e LOEBLEIN HEINEN, 2020).

Assim, algumas empreendedoras que tiveram suas rendas e atividades parcial ou completamente afetadas nesse período solicitaram e tiveram acesso ao auxílio emergencial. Dessa forma, puderam manter em dia algumas das suas contas, não todas, com esse valor.

Juliana recebeu o auxílio emergencial e conta que, apesar do valor baixo do auxílio, ele ajudou a manter as suas contas em dia.

Eu consegui o auxílio emergencial. Mesmo o auxílio sendo pouco foi o que deu um auxílio, mas eu consegui deixar minhas contas em dia pra não deixar o que estava lá enrolado.

Outra beneficiada também foi Olívia. Ela usou o dinheiro do auxílio para pagar seus custos com medicamentos e plano de saúde e também usou esse valor para pagar sua manutenção do MEI e contas de telefone. Outro ponto destacado por ela foi o receio da volta ao trabalho enquanto em um momento ruim da economia e sem o auxílio emergencial que, apesar do valor baixo, ajudou na manutenção de algumas despesas.

Também consegui o auxílio. O auxílio não foi pra pagar as contas da casa, como tenho companheiras que sustentam a casa. Mas ele me ajudou muito porque o meu custo de medicamento é alto. Então praticamente todas as feiras que eu faço, são questão de eu

melhorar o meu trabalho, mas é pra eu melhorar a minha manutenção mesmo porque a diabete mais a hipertensão. pra mim a diabete é um custo muito alto o tratamento. Pra mim o retorno da pandemia está muito mais complicado porque nós temos que trabalhar, acabou o auxílio, quem recebeu esse auxílio sabe que ele foi o mínimo, mas naquele momento foi o mínimo que nos acolheu e o que ajudou. O auxílio emergencial e a aposentadoria do meu marido seguraram a onda. Porque além do meu medicamento tem o meu plano de saúde, o que pesa mais ainda a situação. O que eu tive foi o auxílio, mas foi o que ajudou nesses meses, o que me ajudo a manter essas contas, plano de saúde, medicamentos, MEI, conta de telefone. Eu me virei nos 30 com esses 600 reais. Aí agora está bem pior, porque voltamos ao mercado sem ter mercado.

Houve também o caso daquelas que não solicitaram o auxílio emergencial, como é o caso de Sara, que por ser aposentada não tinha direito.

Eu não tive auxílio emergencial porque eu já sou aposentada.

Outro programa citado por uma das entrevistadas foi a Lei Aldir Blanc. A Lei Aldir Blanc foi sancionada em 29 de junho de 2020, com medidas que visavam socorrer os profissionais do setor cultural do país. O programa estabelece renda emergencial mensal aos trabalhadores da cultura, subsídio para manutenção de espaços artísticos e culturais e editais, chamadas públicas, prêmios, aquisição de bens e serviços vinculados ao setor cultural (Lei N° 14.017, 2020). Vale destacar que aqueles que foram contemplados com o Auxílio Emergencial não poderiam ser contemplados com a os valores Lei Aldir Blanc.

Helena, que é produtora cultural, recebeu o apoio da Lei Aldir Blanc para um projeto. Ela planejava a execução do projeto para o fim de março, mas que torcia para uma prorrogação de prazos, para que pudesse tentar conseguir mais patrocínios e parcerias.

Eu trabalho com eventos então ainda estou sendo afetada. Graças ao edital emergencial da Lei Aldir Blanc eu fiz um projeto cultural e resolvi arriscar. Um dos meus projetos foi contemplado. Estou no processo de planejamento para execução, a princípio o projeto vai acontecer em março, está programado para o fim de março. Eu não sei se vai ter prorrogação, mas se tiver eu estou na luta pra conseguir mais tempo pra poder conseguir mais patrocínio, mais parcerias, mais movimento para o pessoal da cultura.

4.2.3 Programas de Assistência Não Governamentais

A maior parte das empreendedoras que participaram desse estudo citaram o apoio de organizações não governamentais. Essas instituições não governamentais ofereceram um apoio valioso para a sobrevivência dos negócios dessas microempreendedoras. Seja para compra de equipamentos ou insumos. Muitas relataram a importância do apoio dessas entidades.

Juliana foi contemplada com um capital semente e utilizou o valor para comprar insumos para produzir o produto que foi desenvolvido para esse projeto. Assim, conseguiu voltar a produzir novamente.

Ganhei um capital semente, com ele comprei material e comecei a produzir novamente, o produto que desenvolvi para esse projeto.

Outra empreendedora que recebeu o apoio de um fundo de capital semente foi Olívia. Ela usou o auxílio do fundo para desenvolver uma nova linha de peças para bebês. Essa linha para bebês foi uma cobrança de seus clientes.

Fui agraciada com um fundo de capital semente. Algumas clientes perguntavam porque eu não fazia peças para crianças. Aproveitei o fundo, continuo fazendo as peças que eu fazia, mas estou caminhando para dentro das peças para bebê.

Sara foi ajudada pela FIRGUN, que oferece microcrédito a empreendedores de baixa renda (FIRGUN). Ela relatou que pegou um empréstimo sem juros com três meses de carência para começar a pagar e usou para consertar sua máquina de costura e que guardou o resto do valor para quando passar a pandemia.

A plataforma da FIRGUN eu peguei o empréstimo em março, até três mil reais você não paga juros, você tem três meses de carência pra começar a pagar. Aí foi tudo de bom, eu mandei consertar minha máquina, comprei algumas coisas e guardei o restante do valor pra quando passar a pandemia.

Bruna, que é cozinheira e comercializa comida congelada, também procurou auxílio de crédito com a FIRGUN e comprou um freezer com esse dinheiro.

Eu procurei auxílio de crédito com a FIRGUN e consegui um crédito para comprar um freezer.

Já Cátia recebeu um prêmio da Academia Assaí no valor de R\$ 600,00. O Prêmio Academia Assaí é voltado aos micro e pequenos empreendedores da área de alimentos (ACADEMIA ASSAÍ, 2020). A empreendedora contou que que o prêmio a ajudou no início do ano, que é uma época de vendas fracas, segundo ela. Também apontou preocupação com a situação nesse período e que o prêmio a ajudou a passar por esse momento.

Ganhei um voucher de R\$ 600,00 do Prêmio da Academia Assaí que me ajudou muito mesmo, a dar uma segurada boa agora no começo do ano. Porque eu já estava muito preocupada e sem ter o que fazer.

Gabriela recebeu ajuda do programa JUNTOS. Esse programa derivado da Fundação Casas Bahia através do Fundo Emergencial Mulher Empreendedora (F.E.M.E) (VC S/A, 2020).

O auxílio foi no valor de R\$ 500,00. Outro auxílio recebido por ela foi por ter concluído um curso, ela pôde adquirir utensílios para seu negócio.

Eu consegui um auxílio emergencial de um programa chamado JUNTOS, que é financiado pelas Casas Bahia. Eu fiz a inscrição e fui contemplada. Foi um auxílio de 500 reais. Eu tive auxílio de um outro crédito de um fomento para quem concluísse um curso em uma ONG, onde eu adquiri alguns utensílios para o meu empreendimento, como uma seladora que eu estava precisando e alguns utensílios de cozinha.

Letícia, por sua vez, recebeu ajuda do ManaMano. Um fundo de transformação social (MANAMANO). Ela utilizou os recursos para adquirir materiais que precisava para dar desenvolver suas receitas de confeitaria. Também reformou a pia que usa para trabalhar. Recebeu ainda ajuda do Fundo Assaí, que disponibilizou um voucher de R\$ 600,00 para compras em produtos de sua loja.

Eu recebi ajuda do ManaMano onde eu pude comprar vários materiais para o meu empreendimento. Eu precisava trocar a pia da minha casa, porque eu queria uma pia de bancada. Com esse recurso eu pude fazer isso. Comprei vários tabuleiros, vários utensílios que eu estava precisando pra focar na área de confeitaria. Também fiz parte do Fundo Assaí, que deu um voucher no valor de R\$ 600,00 em produtos da loja.

Helena pegou um empréstimo de R\$ 3.000,00 com o Fundo Dona de Mim, que explicou ser um microcrédito social do Banco BTG Pactual, ela afirmou ter pego esse crédito em novembro de 2020 para pagamento somente em maio de 2021 e que esse valor ajudou a manter as suas contas básicas em dia. Também participou de um fundo de capital semente que disponibilizou um auxílio no valor de R\$ 500,00. Ela utilizou esse valor para consertar o telefone e o computador que estavam ruins à época e reajustar sua vida.

Eu consegui através do Fundo Dona de Mim, que foi através da iniciativa do grupo Mulheres do Brasil. Que foi um microcrédito social do banco BTG Pactual que possibilitou um empréstimo de 3 mil reais, a princípio era um crédito para até mil mulheres e eu fui selecionada. É para pagar só esse ano, foi pra frente, eu peguei em novembro e só vou pagar em maio. Foi o que me deu uma segurada, uma ajustada, nas contas básicas. E também participei de um fundo de capital semente, consegui um aporte de 500 reais, que foi o que me ajudou a consertar o telefone na época que estava ruim, o computador. Porque aí acontece tudo, quando você mais precisa que acontece. Aí eu peguei esses valores pra tentar reajustar a vida pra continuar fazendo o que eu faço.

Para Renata o auxílio veio através da Feira Preta. Feira Preta é um marketplace que valoriza a multi-pluralidade criativa e cultura afro (FEIRA PRETA). O valor disponibilizado foi de R\$ 1000,00 para a compra de equipamentos. Esse valor foi utilizado para compra de equipamentos de trabalho.

Particpei de uma mentoria da Feira Preta e eles forneceram mil reais pra compra de equipamentos. Então ano passado eu consegui comprar, como eu trabalho com joias, bijuterias, eu consegui comprar peça pra polir, ferramenta mesmo pra isso. Mas você não podia usar pra outras coisas, você tinha que usar para equipamentos. Aí comprei um monitor que estava quebrado. Comprei equipamentos e prestei contas, então o fundo era pra isso, pra comprar equipamentos e não pra tirar do sufoco.

Nota-se que, na ausência de apoio governamental, houve a procura dessas empreendedoras de outras fontes que pudessem garantir a continuação de suas atividades e a própria sobrevivência. Também vale destacar que as entrevistadas que procuraram auxílio de crédito procuraram instituições que ofereciam condições melhores de pagamento para microempreendedoras.

4.2.4 Empréstimos

De acordo com Liu, Wei e Xu (2021) empreendedoras femininas são menos propensas a buscar empréstimos. Porém, o estudo dos autores não forneceu nenhuma possível causa para esse fenômeno.

Na presente pesquisa, observou-se um receio das entrevistadas de criar dívidas com instituições financeiras por acharem que possivelmente poderiam ter problemas para quita-las.

Juliana teve receio de não conseguir arcar com a despesa de um empréstimo porque não tinha renda no início da pandemia e nem sabia quanto tempo duraria. Isso apesar da taxa do empréstimo da FIRGUN ser baixa, ela teve medo de se endividar.

Vi uma palestra sobre o fundo FIRGUN e gostei muito e eu ia fazer, mas eu fiquei com muito receio de não conseguir pagar porque eu não tinha renda nenhuma. Eu não sabia quando a pandemia ia se resolver, se ia se resolver. Eu fiquei muito receosa de não conseguir pagar então não consegui pagar. Então não fui a frente. A taxa era bem pouquinho, eles tinham uma plataforma muito interessante, de impulsionar quem pega o empréstimo. Não quem não fosse bom, mas eu tive receio de adquirir mais uma dívida se não desse certo.

Esse é o mesmo caso de Olívia, que esperava poder pagar uma dívida de empréstimo com a própria produção e temia que pudesse não ser suficiente. Ela também disse que estava avaliando outra oportunidade de empréstimo porque a sua produção estava exigindo maior rapidez. Ainda assim ela tinha medo de fazer uma dívida porque o mercado não estava se comportando bem e que por ser microempresária não tinha um capital de giro.

Também não fiz empréstimo em função de receio de não conseguir pagar. A minha proposta é, quando eu faço esse tipo de compra quem tem que pagar é a minha produção, é o que eu estou vendendo, então eu tenho que fazer o valor de uma prestação que eu suporte com vendas, mas que ela se pague. Que aquele material, investimento, seja pago pela própria produção que eu faça. Então com a pandemia ninguém teve a oportunidade. Surgiu uma outra oportunidade, estou avaliando, porque ainda estou precisando da máquina, a própria produção cobra da gente uma qualidade

melhor e mais rapidez na entrega, na produção. Mas mesmo assim estou receosa porque o mercado está dando medo da gente fazer qualquer coisa. Principalmente nós que somos pequenos e não temos capital de giro. É uma produção que vai vendendo e vai se sustentando.

Outra empreendedora que teve receio de endividamento foi Cátia. Ela afirmou que não procurou auxílio de créditos em instituições financeiras por receio de não conseguir pagar e ficar presa à dívida.

Não procurei auxílio de crédito em instituições financeiras porque tive medo de não conseguir pagar. Fui me reinventando do jeito que deu. Não fiz nenhuma dívida extra. Não procurei saber porque fiquei com medo de me enrolar e depois ficar presa à dívida, despesa.

Letícia contou que não podia arcar com a despesa de um financiamento, e, portanto, não procurou esse auxílio. Também relatou que estava desestruturada psicologicamente, sem condições psicológicas de suportar essa dívida.

Não tinha condição de arcar com essa despesa e estava desestruturada psicologicamente.

Outro ponto a ser destacado é o receio das entrevistadas das condições de mercado não oferecerem suporte necessário para que elas tivessem a possibilidade de arcar com as despesas feitas com empréstimos. Assim, optaram por não assumir essas dívidas.

Renata foi além e procurou renegociar dívidas anteriores a pandemia, segundo ela para que não virasse uma bola de neve. Citou a dificuldade de comprovar a própria renda com a burocracia oferecida pelos bancos. A empreendedora contou que conseguiu renegociar a dívida, conseguiu uma boa taxa e até conseguiu terminar de pagar.

Eu tinha uma dívida quando começou a pandemia tipo limite de cheque na conta empresarial, eu procurei o sistema de crédito para que pelo menos essa dívida não virasse uma bola de neve no começo, mas foi muito difícil porque precisava de fiador, várias coisas que eu não tinha como fazer. Eu acabei negociando com o próprio banco, que até foi uma taxa boa, eu consegui pagar e já até acabei.

Maria pontua que, ainda que ainda que quisesse, não poderia ter solicitado empréstimo pois o nome estava “sujo” por causa de uma dívida. Não chegou a procurar nenhum crédito porque também não precisou. Tinha uma dívida antiga que conseguiu renegociar com um grande desconto.

Eu não cheguei a pegar nenhuma linha de crédito não. Na verdade, eu fui reduzindo custo, como eu não fui pro escritório eu parei de pagar o aluguel. Reduzi alguma coisa de conta aí deu pra levar, não precisou de crédito. Até porque eu não poderia pegar porque meu nome estava sujo. Tem esse ponto, meu nome estava sujo há muitos anos, uma dívida assim, quando eu fui casada meu ex-marido fez uma dívida que ficou no meu nome, uma dívida grandona. A pandemia tem um lado positivo, me fizeram um

bom acordo e terminei o ano de nome limpo. Pelo menos consegui pagar uma dívida de anos, que se arrastava, que era mais de cem mil reais. Aí ganhei um mega desconto.

4.2.5 Apoio Familiar e de Amigos

Parte significativa das empreendedoras citaram que o auxílio de familiares e amigos durante a pandemia foi outro aspecto fundamental para continuar sobrevivendo durante o período em que não puderam ou diminuíram significativamente sua carga de trabalho. Podemos conferir a seguir os relatos nesse sentido.

Juliana pôde contar com o apoio de familiares, amigos e vizinhos. Ela contou que, como eles sabiam que o artesanato era sua única fonte de renda se propuseram a ajudar:

Eu tive ajuda dos meus pais, irmãs, amigas que fizeram depósitos, meu namorado também, vizinhos ajudaram, porque todos sabiam que eu dependia exclusivamente do artesanato.

O apoio do cônjuge foi o que ajudou Olívia a passar pelo período em que a renda diminuiu. Ela contou que não passou dificuldades justamente porque é casada e que o marido arcou com as despesas da casa.

Se eu disser que eu passei dificuldade não, porque eu sou casada e tenho uma pessoa que segurou a renda de casa.

Mesmo caso de Gabriela, que é casada e o marido trabalha com carteira assinada. Assim, a sua renda de casa não foi muito afetada durante a pandemia.

Meu esposo trabalha em um trabalho de carteira assinada fixa. Na minha casa não afetou muita coisa.

A família também ajudou Renata a passar pela pandemia. Após a sua reserva ter acabado ela contou com o apoio de familiares.

a renda eu fui usando um pouco da reserva que eu tinha depois eu fui sendo ajudada por pessoas da minha família.

Para Maria houve também a ajuda familiar com despesas da casa. Ela viu as contas de consumo aumentarem porque passaram a ficar mais tempo em casa. A empresária conta que ficar em casa trabalhando remotamente foi até mais caro do que o espaço compartilhado de trabalho que alugava. Sua mãe ajudou com as contas de luz e internet.

Não recebi outras coisas assim não. Tive um apoio assim, minha mãe passou a pagar minha internet, a luz. Acabou que a despesa de casa ficou muito cara, a conta de luz ficou assim, uns 500 reais, de ficar todo mundo em casa. Ficou mais caro até do que o coworking que eu alugava. Minha família me ajudou nesse sentido.

Algumas, entretanto, não puderam contar com a ajuda de familiares. Houve alguns relatos que deram conta de uma outra situação apontada por Mattei e Heinen (2020). Algumas empreendedoras relataram dificuldades financeiras antes mesmo da pandemia começar. Seus cônjuges já desempregados por períodos longos de tempo e suas rendas sendo as principais do lar.

Esse é o caso de Bruna, seu marido estava desempregado há 6 anos. O marido que tentava a aposentadoria conseguiu se aposentar no meio do ano passado.

Eu já vinha com dificuldades financeiras antes do início da pandemia. Porque meu marido ficou desempregado durante 6 anos, a gente estava tentando aposentar ele e não conseguia. Graças a Deus conseguimos agora em meados do ano passada pra cá.

Letícia também era a principal renda da casa, seu marido, desempregado há 7 anos, vivia de bicos. Ela contou que no início da pandemia as contas ficaram em uma situação delicada.

minha renda era a principal, meu marido esteve desempregado por 7 anos, só vivendo de bicos. E nesse período eu que arcava com as despesas da casa. E nesse início da pandemia ficou tudo embolado.

A precarização da situação do emprego dificultou ainda mais a vida de algumas dessas mulheres. A ausência de apoio do núcleo familiar ou de amigos fez com que a subsistência dessas empreendedoras estivesse ainda mais delicada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi descrever os efeitos da pandemia de Covid-19 na vida de microempendedoras do Estado do Rio de Janeiro. Para isso foram definidos três objetivos específicos.

O primeiro objetivo específico foi de identificar quais as políticas públicas implementadas para mitigação dos danos relativos à pandemia na vida das pessoas, com foco em trabalhadores e microempreendedores. Consideramos que esse objetivo foi satisfeito, pois observamos que houve a disponibilização por parte do Estado de recursos para essas pessoas. Embora tenham sido insuficientes para prover recursos que os salvaguardassem completamente nesse período. O governo disponibilizou apenas o auxílio emergencial, em um valor muito pequeno diante das necessidades dessas empreendedoras. Exclusivamente em relação aos trabalhadores da área da cultura, foram disponibilizados recursos através da Lei Aldir Blanc, mas apenas para aqueles que não tivesse recebido o auxílio emergencial. Observa-se também que esses auxílios demoraram muito para chegar à mão dessas pessoas.

Já o segundo objetivo, foi o de conhecer como a crise sanitária de Covid-19 afetou a vida de um grupo de microempendedoras do Estado do Rio de Janeiro. Também consideramos que foi bem sucedido. As experiências de cada uma das 10 empreendedoras entrevistadas foram ricamente descritas no trabalho. As suas vivências em relação ao trabalho no período de pandemia de coronavírus contribuíram para os achados dessa pesquisa. Todas as empreendedoras tiveram suas operações afetadas, porém o tipo de atividade que exercem foi fundamental para determinar se suas atividades seriam paralisadas por completo ou parcialmente. Também observamos que para lidar com as restrições impostas pela pandemia a maioria delas adaptou as suas operações. A maior mudança observada foi a adoção de ferramentas e estratégias digitais para os negócios. Porém houve também a diversificação de suas estratégias com o desenvolvimento de novos produtos e matérias primas. Além disso houve uma queda grande no rendimento das operações relatados pelas entrevistadas, diretamente relacionado à diminuição de horas trabalhadas por elas. O apoio governamental com o auxílio emergencial e Lei Aldir Blanc foi de grande ajuda para o período em que as empreendedoras estavam impossibilitadas de trabalhar. Como ponto negativo esses auxílios não se estenderam por todo o período em que elas estavam sendo afetadas e o valor não era suficiente para suprir todas as suas necessidades básicas. O apoio de programas de assistência não governamentais ofereceu assistência aos negócios e não apenas às mulheres, o que contribuiu para a

sobrevivência dos empreendimentos. O governo pouco ofereceu apoio aos negócios dessas mulheres diretamente, o que também poderia ter causado dificuldades a algumas dessas mulheres, não fosse o apoio dessas instituições não governamentais, que supriram a lacuna deixada pelo governo. Observou-se também que o apoio de familiares e amigos foi importante para algumas dessas mulheres, cumprindo o papel de apoiar sua sustentação, na ausência de políticas públicas eficientes para subsistência dos microempreendedores. Nos casos em que as empreendedoras eram as responsáveis pelo sustento da casa e não puderam contar com o apoio de familiares a situação se tornou instável e precária.

Por fim, o terceiro e último objetivo que foi descobrir como as políticas públicas implementadas e demais iniciativas de apoio afetaram as microempreendedoras também foi atendido. O apoio de iniciativas de apoio não governamentais foi muito importante para auxiliar e apoiar os negócios dessas mulheres, com disponibilização de crédito para compra de insumos, utensílios, máquinas e apoio para projetos. O apoio do governo também foi importante, o valor disponibilizado para as empreendedoras permitiu de forma auxiliar que essas mulheres pudessem manter as contas básicas em dia, ainda que tenha durado pouco e tenha sido em um valor baixo.

Os empréstimos de instituições financeiras são associados negativamente por essas mulheres à alta taxa de juros e endividamento. Empréstimos com condições especiais de pagamento e juros para microempreendedores, por sua vez, foram melhor aceitos por elas. Uma política governamental nesse sentido voltada para o estímulo e sobrevivência desses microempreendedores poderia ser benéfica em futuras crises, fazendo que a economia saia mais fortalecida sem a falência desses negócios.

Outro ponto que deve ser observado em futuras crises tem a ver com a resposta do governo a esses microempreendedores. O reflexo do governo precisa ser melhor coordenado, mais rápido e mais eficiente. Um possível auxílio financeiro precisa ser mais próximo, ou até mesmo igual, ao que o empreendedor recebia em um mês comum, para que esses pequenos empresários possam retomar seus negócios sem grandes prejuízos quando a crise tiver seu fim.

Algumas micro e pequenas empresárias também se mostraram receosas a contratar empréstimos, mesmo aqueles que adotavam pequenas taxas de juros e condições facilitadas para pagamento. Apesar disso, outras solicitaram empréstimos, o que demonstra que parte dessas mulheres têm interesse nesse tipo de crédito. Uma observação sobre esse ponto é que todas que fizeram esses empréstimos procuraram instituições financeiras com opções de

financiamento com condições de pagamento melhores, microcréditos sociais. Assim, uma outra sugestão seria o de oferecer uma linha de microcrédito com condições melhores do que as encontradas em bancos tradicionais para essas microempresárias. Essa linha de crédito governamental especial poderia ser oferecida através do BNDES, para que o acesso pudesse ser alcançado em mais partes do Brasil.

A utilização de metodologia qualitativa não permite que os resultados do presente estudo sejam generalizados.

Por fim, sugere-se uma pesquisa com uma amostra mais ampla a fim de se obter uma imagem mais abrangente a respeito dos problemas enfrentados por essas micro e pequenas empreendedoras.

REFERÊNCIAS

“CHINA shows COVID-19 responses must be tailored to the local context”. **Organização Mundial da Saúde**, 2020. Disponível em: <<https://www.euro.who.int/en/health-topics/health-emergencies/coronavirus-covid-19/news/news/2020/4/china-shows-covid-19-responses-must-be-tailored-to-the-local-context#:~:text=China%27s%20first%20phase%20of%20public,over%20the%20long%20term>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

ACADEMIA ASSAÍ. Prêmio Academia Assaí. **Academia Assaí**, 2020. Disponível em: <<https://www.academiaassai.com.br/premio/destaques>>. Acesso em: 7 Maio 2020.

AGÊNCIA BRASIL. Primeiro caso de covid-19 no Brasil completa um ano. **Agência Brasil**, 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano>>. Acesso em: 5 Maio 2021.

ALVARENGA, Darlan; GERBELLI, Luiz Guilherme; MARTINS, Raphael. Como a pandemia 'bagunçou' a economia brasileira em 2020. **G1**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/12/12/como-a-pandemia-baguncou-a-economia-brasileira-em-2020.ghtml>>. Acesso em: 10 Maio 2021.

AMIN, Vanessa. UFMS. **Pesquisadores estudam impactos da crise atual nos pequenos negócios**, 2020. Disponível em: <<https://www.ufms.br/pesquisadores-estudam-impactos-da-crise-provocada-pela-covid-19-em-pequenos-negocios/>>. Acesso em: 1 Maio 2021.

ASCOM SE/UNA-SUS. Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus. **UNASUS**, 2020. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em: 8 Maio 2021.

BALDWIN, Richard; TOMIURA, Eiichi. Thinking ahead about the trade impact of COVID-19. **Centre for Economic Policy Research (CEPR)**, London, 2020. 59-71.

BARBOSA, Carolina. Coronavírus: saiba os serviços alterados a partir desta segunda (16). **Veja**, 2020. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/cidade/coronavirus-servicos-alterados-rj/>>. Acesso em: 23 Abril 2021.

BELAND, Louis-Philippe; FAKOREDE, Oluwatobi; MIKOLA, Derek. Short-Term Effect of COVID-19 on Self-Employed Workers in Canada. **Canadian Public Policy**, Julho 2020. ISSN 0317-0861. Disponível em: <<https://www.utpjournals.press/doi/pdf/10.3138/cpp.2020-076>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

BEZERRA CAVALCANTE, Ricardo ; CALIXTO, Pedro; MACEDO KERR PINHEIRO, Marta. ANÁLISE DE CONTEÚDO: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 13-18, Janeiro/Abril 2014. ISSN 1809-4783.

CASTELAR, Armando. Portal IBRE FGV, 2017. Disponível em: <<https://portalibre.fgv.br/sites/default/files/2020-11/20170125-castelar-correio-braziliense.pdf>>. Acesso em: 30 Janeiro 30.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 62-83.

ESTUDOS Apresentam Perfil do Microempreendedor Individual. **SEBRAE**. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/estudos_pesquisas/estudos-apresentam-perfil-do-microempreendedor-individualdetalhe6,6a1713074c0a3410VgnVCM1000003b74010aRCRD#:~:text=O%20Microempreendedor%20Individual%20%C3%A9%20uma,R%24%2081%20mil%20ao%20ano>. Acesso em: 24 Abril 2021.

FEIRA PRETA. About Us. **Feira Preta**. Disponível em: <<https://feirapreta.com/about-us>>. Acesso em: 7 Maio 2021.

FIRGUN. Sobre Nós. **FIRGUN**. Disponível em: <<https://www.firgun.com.br/sobre.html>>. Acesso em: 7 Maio 2021.

GUTERRES, António. "The fury of the virus illustrates the folly of war". **Organização das Nações Unidas**, 2020. Disponível em: <<https://www.un.org/en/un-coronavirus-communications-team/fury-virus-illustrates-folly-war>>. Acesso em: 18 Abril 2021.

IBGE , 2018. Disponível em: <<https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/2012-agencia-de-noticias/noticias/24267-mulheres-dedicam-quase-o-dobro-do-tempo-dos-homens-em-tarefas-domesticas.html>>. Acesso em: 30 Abril 2021.

LEI N° 14.017. **Brasil**, 2020. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L14017.htm>. Acesso em: 5 Maio 2021.

LEI N° 13.982. **Brasil**, 2020. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/113982.htm>. Acesso em: 21 Abril 2021.

LIU, Yu; WEI, Siqi; XU, Jian. COVID-19 and Women-Led Businesses around the World. **Finance Research Letters**, 2021.

MANAMANO. Página Inicial. **ManaMano**. Disponível em: <<http://manamano.org.br/>>. Acesso em: 7 Maio 2021.

MATTEI, Lauro; LOEBLEIN HEINEN, Vicente. Impactos da crise da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro. **Revista de Economia Política**, v. 40, n. 4, p. 647-668, outubro-dezembro 2020.

MEDIDA PROVISÓRIA N° 936, DE 1° DE ABRIL DE 2020. **Brasil**, Brasília, 1 Abril 2020. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/mpv/mpv936.htm>. Acesso em: 21 Abril 2021.

MELLO, Guilherme et al. **A Coronacrise: natureza, impactos e medidas de enfrentamento no Brasil e no mundo**. Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica - IE/UNICAMP. [S.l.]. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Linha do tempo. **Coronavirus**, 2020. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo/>>. Acesso em: 8 Maio 2021.

MORAES, Roque. ANÁLISE DE CONTEÚDO. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, p. 7-32, 1999.

OLIVEIRA, Kelly; MÁXIMO, Wellton. Agência Brasil, 2017. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-12/retrospectiva-2017-economia>>. Acesso em: 30 Abril 2021.

REIS BERNARDES, Juliana; DE SOUSA SILVA, Bárbara Letícia; FERREIRA LIMA, Thais Cristina. Os impactos financeiros da Covid-19 nos negócios. **Revista da FAESF**, v. 4, n. Número especial COVID 19, p. 43-47, Junho 2020.

SAEZ, Emmanuel; ZUCMAN, Gabriel. Keeping Business Alive: The Government as Buyer of Last Resort, 15 Março 2020. Disponível em: <<https://gabriel-zucman.eu/files/coronavirus.pdf>>. Acesso em: 23 Abril 2021.

SCHMIDT, Beatriz; PALAZZI, Ambra; PICCININI, Cesar Augusto. Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde ao Contexto Social - REFACS**, v. 8, n. 4, Outubro 2020. ISSN 2318-8413.

SCHYMURA, Luiz Guilherme. Apesar de os números da Previdência terem piorado, o mundo dá um alívio à economia brasileira. **Portal FGV IBRE**, Fevereiro 2019. Disponível em: <<https://portalibre.fgv.br/sites/default/files/2020-03/02ce2019-carta-do-ibre.pdf>>. Acesso em: 29 Abril 2021.

SILVEIRA PAULILO, Maria Angela. A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 2, n. 2, p. 135-148, Julho/Dezembro 1999. ISSN 1516 - 3091.

THERE'S a global shortage of computer chips – what's causing it? **NewsScientist**, 2021. Disponível em: <<https://www.newscientist.com/article/2271918-theres-a-global-shortage-of-computer-chips-whats-causing-it/>>. Acesso em: 19 Abril 2021.

VC S/A. Casas Bahia vai dar 500 reais para microempreendedoras. Veja como receber. **Voce SA**, 2020. Disponível em: <<https://vocesa.abril.com.br/empreendedorismo/casas-bahia-500-reais-como-receber/>>. Acesso em: 7 Maio 2021.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos De Pesquisa Em Administração**. 2º. ed.